

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**Andressa de Oliveira Muniz**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PERCEPÇÃO NA CRIANÇA A  
PARTIR DO DESENHO ANIMADO**

Estudos Introdutórios

**Paranaíba/MS**

**2016**

**Andressa de Oliveira Muniz**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PERCEPÇÃO NA CRIANÇA A  
PARTIR DO DESENHO ANIMADO**

Estudos Introdutórios

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual de  
Mato Grosso do Sul, Unidade  
Universitária de Paranaíba, como  
exigência parcial para obtenção do título  
de Licenciatura em Pedagogia.**

**Orientador: Prof. Me. Gabriela Massuia Motta.**

**Paranaíba/MS**

**2016**

M935p Muniz, Andressa de Oliveira

O processo de construção da percepção na criança a partir do desenho animado: estudos introdutórios/ Andressa de Oliveira Muniz. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2016.

49f.; 30 cm.

Orientadora: Profa. Me. Gabriela Massuia Motta.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Criança. 2. Desenvolvimento cognitivo. I. Muniz, Andressa de Oliveira. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Direito. III. Título.

CDD – 372

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

**ANDRESSA DE OLIVEIRA MUNIZ**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PERCEÇÃO NA CRIANÇA A PARTIR DO DESENHO  
ANIMADO**

Estudos Introdutórios

Este exemplar corresponde à redação final do trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovada em ...../...../.....

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Gabriela Massuia Mota (Orientador)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Profa. Dra. Maria Silvia Rosa Santana

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Prof. Me. Michele Rodrigues Bizzio

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E MÍDIA.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO (MÍDIA OU MÍDIA TELEVISIVA) E DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES SUPERIORES.....</b>	<b>17</b>
<b>2 TITIO AVÔ: IMPRESSÕES E ANÁLISES.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 O DESENHO ANIMADO.....</b>	<b>26</b>
<b>3 MEDIAÇÃO E EXERCÍCIO PARA ANÁLISE CRÍTICA DO CONTEÚDO TELEVISIVO.....</b>	<b>35</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>46</b>

## RESUMO

Este trabalho pretende analisar e refletir sobre a construção do desenvolvimento cognitivo e capacidade de abstração da criança conforme seu contato constante com a televisão. A pesquisa deu-se através da análise dos relatos de uma criança sobre seu desenho animado favorito, intitulado “Titio Avô”, recolhidos por meio de entrevista. Elencou-se “Titio Avô” como objeto de estudo devido à sua popularidade e audiência entre as crianças no período atual. O trabalho foi feito por pesquisa bibliográfica e entrevista. Os relatos da criança entrevistada foram analisados mediante a teoria de Luria sobre os processos de percepção e abstração que constituem o desenvolvimento cognitivo, além de outros autores que tratam da temática da relação da criança com a mídia e televisão e ações de mediação que as crianças podem estar sujeitas a receber. De acordo com Luria (1990), o desenvolvimento da percepção e abstração de um indivíduo está extremamente relacionado ao meio que este indivíduo está. Todas as informações que fazem parte de seu cotidiano influenciam o modo do sujeito pensar e interpretar os elementos à sua volta. Luria ainda considera as características de tais informações, ponderando que, conforme as experiências sociais pessoais sejam informações mais simples, menor será a capacidade de abstração do sujeito sobre algo que ele está considerando especificamente, se o sujeito tem contato com informações e experiências mais complexas, poderá abstrair e interpretar o elemento em questão com muito mais facilidade. Pensando-se nas informações que a televisão transmite, torna-se pertinente classificar as características da mídia como experiências pessoais na formação do pensamento do indivíduo. Essa pesquisa foi norteadada pelo objetivo de observar como se dá o processo de desenvolvimento do pensamento abstrato e percepção da criança que tem um grande contato com a televisão. É possível constatar ao final do trabalho realizado que o desenho animado impede que seu telespectador a primeira instância perceba suas intenções e para que haja uma reflexão sobre o que está sendo repassado pelo programa, faz-se necessário apontamentos e instrução de alguém do convívio da criança, a instruindo em um processo de mediação.

Palavras chave: Criança. Desenvolvimento Cognitivo. Televisão.

## **ABSTRACT**

This work intends to analyze and reflect on the construction of cognitive development and child capacity for abstraction as her constant contact with television. The research was made through the analysis of a child's accounts of their favorite cartoon, titled "Uncle Grandpa", collected through interviews. "Uncle Grandpa" was listed as object of study because of its popularity and audience among children in the current period. The reports of the interviewed child were analyzed by Luria's theory of the processes of perception and abstraction that constitute cognitive development, as well as other authors who deal with the theme of the child's relationship with the media and television and mediation actions that children can be subject to receive. According to Luria (1990), the development of perception and abstraction of an individual is extremely related to the environment that this individual is. All information that are part of their daily lives influence the people's way of thinking and interpreting the elements around them. Luria also considers the characteristics of such information, considering that, according to personal social experiences are simpler information, the lower the capacity of abstraction of the subject and the subject's contact information and more complex experiences, can abstract and interpret elements more easily. Thinking on the information that television conveys, it is relevant to classify the media features like personal experiences in the formation of the individual thought. This research was guided by the objective to watch how is the abstract thought process and perception of subjectivity of the child who has a great contact with the television. It is possible to observe at the end of the work carried out that the cartoon prevents its viewer in the first instance to perceive its intentions and for there is a reflection on what is being passed through the program, it becomes necessary notes and instruction of someone of the child's conviviality , instructing it in a process of mediation.

Keywords: Child. Cognitive Development. TV.

À minha mãe Val, pela compreensão, amor, dedicação e proteção



## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, por me ajudar e dar força em cada dia da minha trajetória acadêmica.

À minha família, pelo apoio e compreensão para com meus estudos.

Aos meus colegas de classe, pelo companheirismo e amizade vivenciados durante os quatro anos de curso.

À professora Gabriela Massuia Motta, por seu trabalho como orientadora, auxílio e atenção.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela oportunidade de continuar meus estudos e ampliar meus conhecimentos.

## INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a relação entre o desenvolvimento cognitivo e a mídia. Para embasar a pesquisa, serão utilizados os estudos de Luria (1990) e sua teoria do desenvolvimento cognitivo e artigos que trabalham essa temática, dos autores Lima, Orlandi e Silva (2013), Alves e Bastos (2013), Porto Jr. e Silva (2008), Campos e Souza (2003), Solar (2012), Pereira (2008) entre outros.

O problema da pesquisa é tratar do que pode ser abstraído do conteúdo televisivo que as crianças têm contato hoje em dia, através da análise de um desenho animado denominado “Titio Avô”, buscando entender como se dá esse processo, compreendo também como o desenho influencia a maneira que a criança apreende os aspectos que são apresentados em seu enredo.

A pesquisa se configura como pesquisa bibliográfica e estudo de caso, utilizando o procedimento de entrevista, feita com uma criança telespectadora do programa, procurando levantar quais os elementos de seu conteúdo uma criança consegue abstrair e como esse processo influencia seu modo de pensar.

Serri e Trevisan (2004) discutem sobre a formação da criança, ainda em desenvolvimento, constantemente influenciada pela mídia e a indústria cultural, tão presente na sociedade atual. Esses mesmos autores apontam a televisão como um dos meios de comunicação mais influentes na infância. Seu conteúdo possui características de uma ideologia que aliena o pensamento de seu público. Tal ideologia impõe valores, padrões e condutas que regem a maneira como os indivíduos pensam.

A criança é um ser construído historicamente, inserido em um contexto social, um ambiente, que também molda sua maneira de pensar e agir. Conforme sua personalidade é formada, ela terá um olhar sobre o mundo, refazendo-o e repensando-o de acordo com o que a influencia em seu cotidiano. Quando é direcionada à reflexão ela pode observar e analisar criticamente, se isso não ocorre, intenções principalmente exibidas na televisão, podem passar despercebidas.

Observando a maneira como os adultos agem e se comunicam, a criança reflete sobre como ela mesma está agindo, observa e analisa o seu comportamento e de outras pessoas a sua volta, e cria respostas para os estímulos dos comportamentos que recebe de outros. Essas ações lhe permitem organizar sua maneira de pensar e entender a sociedade que a cerca. (LURIA, 1990).

Silva (2003) afirma que a ideologia presente na mídia forma a criança para uma visão não crítica do que está consumindo. Suas ações não são próprias dela, são influenciadas pelo

que assistem. Assim, são formadas para ter uma visão de mundo linear, que se conforma facilmente com o que acontece na televisão e ao seu redor, sendo controlada pelas classes dominantes.

Assim, essa visão pode considerar as crianças como incapazes de influenciar e construir a sociedade ou de serem influenciadas por ela, entende-se que, desse modo, as crianças são assimiladoras passivas de conteúdo cultural. As classes sociais em que as crianças se encontram determinarão se serão formadas para reger a sociedade ou serem formadas apenas para o trabalho. Assim, a cultura é um dos fatores que separa as classes sociais; a elite que rege a sociedade possui determinada cultura que a classe trabalhadora não possui. (SILVA, 2003).

Serri e Trevisan (2004) apontam que o conteúdo da televisão leva ao consumo devido ao excesso de propagandas. Por estar constantemente presente no dia a dia da criança, a propaganda a convence de gostar e se interessar por aquilo que está sendo oferecido, produtos relacionados aos programas que a criança já assiste.

A indústria cultural produz muitíssimo tendo como objetivo alcançar o público infantil, utilizando os meios de comunicação aos quais as crianças estão mais relacionadas, como a televisão, através dos desenhos animados. Produtos são criados a partir dos desenhos animados que as crianças mais gostam, estimulando o consumo desses produtos. (SILVA, 2003). Os autores Serri e Trevisan (2004) afirmam que a escola deveria instruir seus alunos a repensar e refletir sobre a mídia. Conforme Silva (2003), o ensino escolar deveria voltar-se para instruir seu público em uma visão crítica da mídia e os valores que ela defende, se opondo a tudo o que é considerado alienante na mídia.

O ensino escolar necessita instruir como se deve analisar e refletir os conteúdos televisivos, não somente para classificar os programas como positivos ou negativos, mas também deve apontar maneiras de se analisar os programas ditos negativos, refletindo sobre as intenções que provocam no telespectador e a ideologia presente neles. (SILVA, 2003).

Serri e Trevisan (2004) pontuam que a mídia serve para manter uma ideologia dominante que aliena seu telespectador, já que faz parte do ambiente da criança, sendo a escola um dos lugares que deveria abrir o olhar de seus alunos para analisar o que é transmitido de maneira crítica.

Esse tema foi escolhido devido o interesse mediante as mídias e como elas se comunicam e interagem com seu público alvo. Compreende-se que professores que utilizam filmes e vídeos em sua metodologia, em certos casos, não estão atentos ao conteúdo e intenções presentes nos tipos de mídia que utilizam. O trabalho de pesquisa aponta motivos

para verem esse conteúdo midiático de forma mais crítica. Ainda assim, um conteúdo negativo pode servir para uma ação positiva, quando o professor faz a mediação que permite seus alunos levantarem os aspectos negativos de determinado produto midiático.

O trabalho se justifica pela preocupação da qualidade dos conteúdos que as crianças assistem na atualidade, já que elas têm um grande contato com a mídia televisiva, que as influencia a pensar de forma alienada, não permitindo que seu pensamento se desenvolva a ponto de ter uma visão crítica. Hoje em dia a maioria das crianças passa muito tempo com a mídia e tecnologia, sendo esses elementos partes de sua rotina e de sua vida. Analisar a mídia, nesse sentido, se torna algo que o professor deve fazer para conhecer melhor seu aluno e, assim, repensar sua forma de ensinar, mediante a realidade do aluno.

O trabalho tem como objetivo principal analisar e refletir sobre a influência do desenho animado e da mídia no desenvolvimento da criança. A primeira seção trata da teoria de Luria sobre as etapas do desenvolvimento cognitivo, como também a mídia e como ela age sobre seu público. Destaca-se os processos de percepção, abstração e generalização, que são melhor explanados na primeira seção.

Na segunda seção estão reunidas as características do desenho animado, procurando compreendê-las dentro do contexto da teoria de Luria, as intenções da mídia e suas influências no desenvolvimento do pensamento da criança. Faz-se também a análise dos aspectos cotidianos da criança entrevistada e sua interação com a mídia, mais especificamente o desenho animado “Titio Avô”. Há a análise da entrevista feita com a criança, elencando os elementos do que se pode perceber de sua abstração como telespectadora de “Titio Avô”.

A terceira seção trata do conceito de mediação e como essa ação pode ser utilizada no cotidiano da criança para orientá-la a ver televisão de forma crítica e reflexiva, e também como a escola pode trabalhar a mediação com os alunos.

Através da pesquisa, percebe-se como a mídia transmite ideais que servem para perpetuar o sistema capitalista e são assimilados de forma naturalizada pelos telespectadores. Para que essa situação se modifique é necessário que, principalmente as crianças, recebam uma mediação externa que as oriente sobre a forma crítica de se pensar o conteúdo televisivo.

## 1 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E MÍDIA

Na sociedade atual, a informação é algo extremamente presente no cotidiano das pessoas, ela varia, como também suas fontes. Sendo assim, pode-se adquirir diferentes tipos de conhecimento, conforme se aprende e se tem contato com determinadas informações. Esse conhecimento adquirido ao longo da vida e das experiências pessoais de um indivíduo são essenciais para seu desenvolvimento cognitivo<sup>1</sup>.

A criança é um ser construído historicamente, inserido em um contexto social, um ambiente, que também influencia na formação da sua maneira de pensar e agir. As influências que sofre ao longo de sua vida ajudam a desenvolver seu aprendizado. Luria (1990) vê a capacidade de pensar, que é formada e desenvolvida a partir de suas experiências e nível de conhecimento que se tem contato, como algo capaz de influenciar o comportamento, o transformando conforme os aspectos sócio-culturais da sociedade em que a criança está inserida.

Vigotsky e Luria enfatizam a ideia de que o desenvolvimento mental deve ser visto como um processo histórico no qual o ambiente social e não-social da criança induz o desenvolvimento de processos de mediação de várias funções mentais superiores (COLE, 1990, p. 11).

O ser humano deve re-significar de forma ativa o que está em seu meio e todo o conhecimento com o qual tem contato. Conforme os estudos de Luria (1990), o desenvolvimento cognitivo de um sujeito está extremamente ligado a etapas que se aprimoram e se modificam durante sua vida mediante seu convívio sócio-cultural.

[...] a estrutura da atividade cognitiva não permanece estática ao longo das diversas etapas do desenvolvimento sócio-histórico e as formas mais importantes de processos cognitivos – percepção, generalização, dedução, raciocínio, imaginação e auto-análise da vida interior – variam quando rudimentos de conhecimento são adquiridos. (LURIA, 1990, p. 215).

Segundo o autor Luria (1990), a percepção pode ser entendida como análise e síntese das características percebidas em algo, que estimula uma decisão que será tomada pelo indivíduo. A percepção se constitui através do conhecimento adquirido socialmente, pelas experiências sociais e culturais vividas, ou seja, a percepção tem relação com o meio.

A percepção visual será aprimorada conforme as experiências pessoais e sociais do sujeito se modificam. Portanto, quanto mais remotas são as experiências, ou seja, formadas

---

<sup>1</sup> Na tradução da obra Desenvolvimento Cognitivo de Luria, o termo que o tradutor usa para se referir ao desenvolvimento das capacidades superiores é desenvolvimento cognitivo, embora essa designação seja mais comumente utilizada por outros autores. (grifo meu).

em um ambiente com pouco acesso a informações variadas, em que se tem um modo de vida mais simples, e que formas de conhecimento menos complexas regem o pensamento do indivíduo, se considerará os aspectos que formam um todo de forma individual e não interligados entre si. Luria (1990) especifica esse fenômeno da seguinte maneira:

Podemos então concluir que, estruturalmente, a percepção depende de práticas humanas historicamente estabelecidas que podem não só alterar os sistemas de codificação usados no processamento da informação, mas também influenciar a decisão de situar os objetos percebidos em categorias apropriadas. Podemos, portanto, tratar o processo perceptual como similar ao pensamento gráfico: ele possui aspectos que mudam com o desenvolvimento histórico. (LURIA, 1990, p. 38).

Compreendendo-se o conceito de percepção, pode-se pensar em como ele se encaixa no desenvolvimento do sujeito trabalhador. Enquanto produz um objeto, o sujeito é capaz de identificá-lo. Quando tal objeto é colocado fora de um contexto que é conhecido para este sujeito, ele já não consegue mais identificar seu significado. Essa ação é considerada resultado das experiências de vida mais simples. Rubin (*apud* Abreu et alii, 2014) salientam que, nesse contexto

A mercadoria, enquanto objeto, no processo produtivo, ainda está sob domínio do sujeito que trabalha, transformando-a em objeto útil. Quando é colocada à venda, no processo de circulação, a ordem é invertida, pois o produtor passa a ser dominado pela criação, “coisificando” o produtor (RUBIN, 1987). O consumo da mercadoria impõe e apaga todas as etapas da produção e o esforço – físico e intelectual – humano. (ABREU et alii, 2014, p. 2).

A percepção se apoia em um sistema de código convencional para uma determinada sociedade, sujeito a mudanças mediante transformações sociais. A percepção do sujeito pode se constituir através de uma reação imediata, ou guiada pela experiência prática sobre objetos e ainda mediada pela análise baseada nos significados linguísticos da sociedade em que o sujeito está inserido.

O pensamento concreto, fortemente relacionado à reação imediata e à experiência prática, quando se considera um elemento específico, será mudado em pensamento abstrato, que se constitui de uma análise mais profunda, considerando os múltiplos significados do que se é percebido e está sendo considerado, quando se tem acesso a novas informações, e assim, ampliando os conhecimentos do sujeito, o que promove um novo parecer em relação àquele objeto em questão que ele está percebendo. Quanto mais se adquire informações novas e mais elaboradas, a percepção do sujeito também será mudada e aprimorada a respeito de um elemento que se adquire mais informações sobre ele. “[...] na transição para condições

históricas mais complexas de formação dos processos cognitivos, a percepção visual também se modifica”. (LURIA, 1990, p. 59).

Ainda de acordo com o autor supracitado, a percepção na criança inicialmente se baseia fortemente na memória e imagem de algo que faz parte de sua vida, o que norteará sua percepção, em que ela relaciona o que está vendo com aquilo que se lembra.

Os processos psicológicos que orientam esse modo de codificar um padrão característico não se baseiam numa palavra que subordina logicamente objetos discretos. Ao contrário, o fator determinante na classificação de objetos em complexos é a percepção gráfica ou a recordação gráfica das várias inter-relações entre objetos. A operação intelectual fundamental para essa classificação ainda não adquiriu a qualidade lógico-verbal do pensamento maduro, mas é, por natureza, gráfica e baseada na memória. De acordo com Vigotsky, tais processos de pensamento são típicos de crianças pré-escolares mais velhas e de crianças da escola elementar. (LURIA, 1990, p. 69).

Entende-se que conforme a criança vai crescendo e adquirindo novos conhecimentos, a escola exige mais dela, considerando-se que as crianças mais novas realizam atividades mais simples e as crianças mais velhas realizam atividades mais complexas.

Parte da percepção se dá em classificar objetos em questão em diferentes categorias, em que cada indivíduo, conforme suas experiências pessoais e peculiaridades como sujeito, usará um critério para realizar essa atividade. Um desses critérios observado por Luria usa a linguagem como princípio. Assim, o indivíduo percebe que o que é comum nos objetos observados é seu significado linguístico, elencando as categorias dos objetos pelas características semânticas similares. Para compreender melhor essa ação, pode-se pensar num exemplo em que se considera três palavras (serrote, martelo, furadeira)<sup>2</sup>. O indivíduo com uma percepção mais aprimorada os relacionará conforme seu significado semântico em comum, nesse caso, as três palavras se referem a ferramentas. Indivíduos com uma capacidade de percepção mais limitada considerará as ferramentas como partes de um contexto que envolve o trabalho.

Um mesmo objeto será percebido de forma diferente em etapas distintas da vida do sujeito, conforme suas experiências pessoais se modificam e seu meio sofre mudanças históricas e culturais. Assim, a percepção não é uma atividade estática, imutável, o que

<sup>2</sup> Na obra *Desenvolvimento Cognitivo*, Luria apresenta um estudo que ele realizou com três tipos de comunidade, uma de trabalhadores isolados da sociedade, outra de um grupo de cooperativistas e um grupo de pessoas que moravam em zona urbana. Luria pediu que essas pessoas considerassem um grupo de ferramentas e tentassem agrupá-los sob alguma categoria. Os sujeitos agiram conforme suas experiências pessoais, em que os trabalhadores isolados classificaram as ferramentas baseados na experiência prática, relacionando-as ao trabalho manual. Os demais grupos, que possuíam instrução escolar, foram capazes de considerar os objetos como ferramentas. (grifo meu).

permite que seus processos guiados primeiramente pela memória gráfica se modifiquem para o pensamento abstrato, baseado na linguagem. “A percepção começa a ultrapassar a experiência gráfica, dirigida a objetos, passando a incorporar processos muito mais complexos que combinam aquilo que é percebido com elementos de um sistema de categorias abstratas, linguísticas”. (LURIA, 1990, p. 216).

A generalização e a abstração também são processos componentes do desenvolvimento cognitivo, extremamente ligados à percepção. Para dividir objetos em diferentes categorias, o sujeito deve empregar o pensamento verbal e lógico, ligado à linguagem, formada por símbolos, que permitirá criar abstrações e generalizações para a realização dessa atividade. O pensamento abstrato permite considerar um mesmo objeto de maneira diferente, mudando sua categoria, como é considerado. O comportamento categorial, influenciado pelo pensamento abstrato, verbal e lógico é flexível.

O pensamento concreto ou situacional procura catalogar os objetos considerados pelo indivíduo como parte de um mesmo contexto, relacionado a uma atividade prática. “Os sujeitos que tendem a esse tipo de classificação não separam os objetos em categorias lógicas, mas os incorporam a situações gráfico-funcionais da vida e reproduzidas de memória (LURIA, p. 66)”.

Assim, o indivíduo com a percepção situacional vê apenas, por exemplo, um conjunto de objetos como martelo, serrote, madeira e prego ferramentas que serão utilizadas para construir algo como uma cadeira ou mesa, utilizando a madeira, que será transformada pelo martelo, serrote e prego. O sujeito com maior capacidade de abstração consegue perceber a utilidade prática desses objetos juntos, porém também consegue perceber que o martelo, o serrote e o prego pertencem à categoria de ferramentas. Nesse processo, Vigotsky (apud Luria, 1990) vê a linguagem como o principal impulsionador da percepção. A ampliação da linguagem, construída e transformada sócio e historicamente, permite que o indivíduo compreenda seus diferentes significados e, assim, passe do pensamento situacional para o pensamento abstrato, em que ele consegue cumprir as funções de abstração e generalização com mais propriedade. Entretanto, entende-se que considerando várias áreas, o sujeito consiga abstrair melhor uma área de conhecimento do que outra área, considerando seu saber pessoal sobre cada um dos elementos que ele está considerando.

Ele afirmava, portanto, que o “pensamento categorial” e a “orientação abstrata” são consequência de uma reorganização fundamental da atividade cognitiva que ocorre sob o impacto de um fator novo, social – uma reestruturação do papel que a linguagem desempenha na determinação da atividade psicológica. (LURIA, 1990, p.66-67).



O indivíduo dará diferentes significados a um objeto conforme suas experiências diversas. A criança em seu processo inicial de desenvolvimento, não considera as palavras como guia para sua classificação de objetos percebidos, antes os considera de maneira isolada, sem que faça ligação entre esses objetos por seus significados semânticos em comum. À medida que a criança tem contato com novas informações que passam a fazer parte do seu cotidiano e se tornam comuns a ela, se torna capaz de compreender o significado dos signos que compõem a linguagem de sua sociedade e aprender a utilizar suas funções. Esse novo conhecimento permite que ela passe do pensamento concreto para o pensamento abstrato. Retomando o exemplo das ferramentas, inicialmente a criança as vê como objetos que farão a madeira se tornar algo de utilidade, como um móvel ou até mesmo um brinquedo, que está em seu cotidiano. A partir de novas informações e conhecimentos adquiridos, a criança perceberá que a madeira é transformada por ferramentas.

Não há dúvida de que a transição do pensamento situacional para o pensamento taxonômico conceitual está relacionada a uma mudança básica no tipo de atividade em que o indivíduo está envolvido. Enquanto a atividade está enraizada em operações gráficas, práticas, o pensamento conceitual depende das operações *teóricas* que a criança aprende a realizar na escola. (LURIA, 1990, p. 70).

Um dos objetos em que o indivíduo precisa considerar constantemente em seu cotidiano são as palavras. Esse indivíduo em questão interpretará as palavras conforme os códigos e símbolos que sua sociedade utiliza em comum acordo. As palavras possuem diferentes significados. Uma mesma palavra pode remeter a diferentes características e outros sentidos e contextos. Esse resgate de algo novo e diferente através de uma palavra e seu significado resulta na atividade de abstração e generalização. Toma-se como exemplo o significado da palavra manga, que pode estar se referindo à parte de uma roupa ou à fruta. O sujeito, conforme suas experiências e ações de abstração e generalização sobre o objeto manga, saberá identificar qual significado dessa palavra está sendo usado. Também pode-se pensar em como o indivíduo considera a palavra serrote. Em um primeiro contato com esse objeto, o sujeito o percebe como algo que serve para cortar. Ao ter mais conhecimentos, ele será capaz de julgar o serrote como uma ferramenta. Atentando-se a outras características do objeto, perceberá seu peso, sua cor e tamanho. Todas essas características permitem ao indivíduo elencar subgrupos em que o serrote faz parte. A ação de remeter-se a outros elementos a partir do objeto, conseguindo vê-lo como parte de vários grupos se configura

como generalização, que faz o sujeito pensar os elementos ligados ao objeto, e abstração, conseguindo julgar a qual dos grupos o objeto faz parte em determinada situação.

Igualmente importante é o fato de que a transição do pensamento visual para o conceitual não apenas afeta o papel assumido pelas palavras no processo de codificação, mas muda também a própria natureza das palavras: o significado de que elas estão impregnadas. Como Vigotsky observou, enquanto impressões emocionais ou ideias concretas dão colorido ao significado das palavras nos estágios iniciais do desenvolvimento controla seu significado posteriormente, de modo que as palavras funcionam para produzir abstrações e generalizações. (LURIA, 1990, p. 70).

Assim que o indivíduo passa a ter contato com experiências diferentes, que expandem seus conhecimentos, sua capacidade de criar ideias novas e perceber novas características em seu meio, se aprimora. Ele agora pode notar aspectos diferentes em algo que já era conhecido. Portanto, seu pensamento se transforma, desenvolvendo cada vez mais a maneira como percebe os sentidos do que está à sua volta.

[...] Quando muda o padrão de vida e se ampliam as dimensões da própria experiência, quando eles aprendem a ler e escrever, a ser parte de uma cultura mais avançada, esta maior complexidade de sua atividade estimula novas ideias. Tais modificações, por sua vez, ocasionam uma reorganização radical de seus hábitos de pensamento, de modo que eles aprendem a usar e compreender o valor de procedimentos teóricos que anteriormente pareciam irrelevantes. (LURIA, 1990, p. 107).

Tendo em mente que os conhecimentos que um sujeito tem contato influenciam em seu desenvolvimento das suas capacidades superiores, pode-se pensar nas características das informações que estão a todo tempo disponíveis em nossa sociedade atual, sendo a mídia sua principal fonte, tendo um vasto alcance para a maior parte das pessoas.

## **1.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO (MÍDIA OU MÍDIA TELEVISIVA) E DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES SUPERIORES**

A mídia está fortemente presente na sociedade atual e se torna a maior parte do cotidiano das pessoas que têm grande acesso às informações transmitidas, sendo também uma fonte de informação e conhecimento. Ela é utilizada como ferramenta de uma ideologia que pretende determinar padrões e gostos, com o objetivo de manter o controle social, num processo de alienação do pensamento de seu público. A mídia, através de seu conteúdo, é

capaz de, influenciar de maneira muito forte, a forma como as pessoas pensam e veem o mundo.

A mídia invade nosso cotidiano. A criança e o adolescente de hoje não conheceram o mundo de outra maneira - nasceram imersas no mundo com telefone, fax, computadores, televisão, etc. TVs ligadas a maior parte do tempo, assistidas por qualquer faixa etária, acabam por assumir um papel significativo na construção de valores culturais. A cultura do consumo molda o campo social, construindo, desde muito cedo, a experiência da criança e do adolescente que vai se consolidando em atitudes centradas no consumo (CAMPOS, SOUZA, 2003, p. 14).

O sistema capitalista rege a sociedade, tendo em seus objetivos o consumo. Para estimular o consumo dos sujeitos, é necessário que se estabeleça gostos padronizados e certos comportamentos, para que o público consuma o que é determinado. Nesse contexto, a mídia se torna um elemento que gera tal atitude na população, mantendo um controle social, de forma que impede os indivíduos de pensarem reflexivamente sobre sua real condição em relação ao sistema capitalista. Nesse processo é a alienação, que impede as pessoas de perceberem as reais intenções da mídia sobre seu pensamento e, conseqüentemente sobre o comportamento.

Marx (1996) afirma que o comportamento alienado e a coisificação das relações de produção são efeitos de uma forma histórica específica de organização social, a saber, a baseada na produção de mercadorias. O processo de alienação econômica, segundo Branco (2008) tem duplo caráter, que obedece as ideias sociais da ordem capitalista, onde o homem é tratado como coisa, e visto como produto, ora na posição de trabalhar em prol da reprodução do sistema, ora como consumidor do mesmo. O fetichismo da mercadoria, e a teoria da alienação estão interligados, sendo uma manifestação da sociedade histórica e capitalista. Podemos dizer assim que, enquanto a alienação é um processo que decorre de diversos modos de produção, e de distintas modalidades, o fetichismo da mercadoria é uma particularidade econômica do modo de produção capitalista (CUNHA; ABREU; VASCONCELOS; LIMA; 2014, p. 4).

E é a ideologia que se torna o amálgama desse sistema econômico. Entende-se por ideologia um conjunto de ideais que convencem o público a pensar de certa forma; apresenta os elementos que constituem a sociedade de forma irreal, não representando a realidade em si, tornando os ideais defendidos desconexos da realidade. Tais ideais são assimilados pela sociedade sem questionamento, incorporados com naturalidade.

O conceito de ideologia possui muitas vertentes (CENTRE, 1980). Uma das maneiras pela qual se pode conceber a ideologia é que ela seria um reflexo invertido, mutilado, deformado do real, na medida em que significaria um conjunto abstrato de ideias, representações e valores de determinada sociedade. No entanto, esta é uma concepção abstrata, no sentido de que designa que todo e qualquer conjunto de ideias pretende explicar fatos observáveis sem vincular essa explicação às condições sociais, históricas e

concretas em que tais fatos foram produzidos. Apesar da desvinculação, essas ideias seriam transmitidas e absorvidas como se fossem reais (FRANCO, 2004). (CUNHA; ABREU; VASCONCELOS; LIMA; 2014, p. 6).

A ideologia presente por trás da mídia está a serviço dos interesses de uma minoria que domina sobre o restante da sociedade, e tem poder para exercer controle social conforme seus interesses, ligados ao sistema capitalista.

A ideologia predominante num grupo social ou em uma instituição constitui de fato uma “bricolagem” de elementos disparatados resultante de influências variadas, heranças de períodos diferentes. Uma classe, ainda que dominante, só pode impor uma ideologia conforme seus interesses particulares na medida em que consegue integrar as ideologias próprias daqueles que ela quer submeter. Deve oferecer uma interpretação do real relativamente coerente com as práticas sociais dos membros da instituição e fornecer-lhes uma concepção do mundo conforme suas aspirações (PAGÈS et alii apud CUNHA; ABREU; VASCONCELOS; LIMA; 2014, p. 6).

A alienação pode ser considerada como a falta de capacidade de reconhecer algo já conhecido fora do contexto, em que o sujeito enxerga o objeto em questão e o apreende como algo fora da realidade.

Do ponto de vista clássico do marxismo, portanto, a alienação refere-se à apropriação, pelo capital, do resultado do trabalho do sujeito trabalhador. Em outras palavras, o trabalhador é alienado do produto do seu trabalho, o qual é transferido ao capital que dele se apropria e dele dispõe. Entretanto, é necessário considerar que o sujeito trabalhador não aliena apenas o fruto do seu trabalho (físico ou intelectual), mas igualmente parte do processo de trabalho (as habilidades, o conhecimento técnico, o saber abstrato) e não só o processo como a si mesmo como força de trabalho e como comprometimento, sentimentos, afeto, engajamento e subjetividade. (FARIA, 2004). (CUNHA; ABREU; VASCONCELOS; LIMA; 2014, p. 10).

O sujeito, nesse processo, assimila facilmente o que é imposto. Assim, perde-se estímulos ao desenvolvimento do pensamento e a mídia é uma das formas que acaba impedindo que o público pense de forma crítica e reflexiva, mas sim de forma superficial, em que o telespectador não tem desenvolvidas capacidades superiores suficientes para perceber as reais intenções presentes no conteúdo televisivo, como aponta Cunha (2014):

O mundo é visto pelo sujeito alienado não em um plano concreto, mas como uma fantasia que direciona a maneira de ser, de pensar e de agir dos sujeitos. A realidade não é compreendida pelo sujeito alienado em sua complexidade, em seus movimentos contraditórios, em seu dinamismo, mas é naturalizada como sendo tal como parece ser, simplificada e destituída de sua história. Neste sentido, o sujeito projeta a si mesmo como um ser de qualidades segundo aquilo que dele se espera e passa a agir de acordo com estas qualidades. Com isto, o sujeito aliena-se de sua própria existência real,

doando sua vida a uma ideia dela, a um tipo idealizado (CUNHA; ABREU; VASCONCELOS; LIMA; 2014, p. 8).

Desta forma, a televisão que está tão presente na vida das pessoas, sendo um dos meios de comunicação utilizados pela mídia, pretende através de sua programação ditar padrões, regras, costumes e valores para seus espectadores. Presente em quase todas, senão em todas as casas, ela carrega conhecimento e produção da cultura humana, símbolos e características da vida humana cotidiana, em que se encontram também as normas que regem os padrões de como viver em sociedade e o que é considerado padrão em tal sociedade. Como aponta Luria (1990, p. 23) “Os instrumentos utilizados pelos homens em sociedade para manipular o ambiente, além de produtos de gerações anteriores que ajudam a formar a mente da criança em desenvolvimento, também afetam essas formas mentais”. Por isso ela se torna uma fonte de ideologia, pois foi produzida pelo homem e transmite também parte da cultura humana, destinados para a manipulação social.

A criança está sendo formada e desenvolvida no meio da sociedade possui essas características e por isso sofre constantemente influências dos padrões ditados pela televisão. À medida que a sua personalidade é formada, ela terá um olhar sobre o mundo, refazendo-o e repensando-o de acordo com o que a influencia em seu cotidiano. Tendo sua individualidade e, conforme outros conhecimentos que já possui, interpretará o que assiste de uma certa maneira, ou seja, deve ressignificar de forma ativa o que está em seu meio e todo o conhecimento com o qual tem contato. Entretanto, faz-se necessário observar que a criança precisa ser mediada quanto ao que assiste, para tanto, e é importante que outra pessoa de seu convívio a oriente, não observando somente de modo superficial, mas tentando perceber as entrelinhas e reais intenções do que está sendo transmitido. Essa análise pode ser considerada um exercício para desenvolver o pensamento e capacidade de abstração de ideias.

Sob a influência da linguagem dos adultos, a criança distingue e estabelece objetivos para seu comportamento, ela repensa as relações entre objetos; ela imagina novas formas de relação criança-adulto; reavalia o comportamento dos outros e depois o seu; desenvolve respostas emocionais e categorias afetivas, as quais se tornam, através da linguagem emoções generalizadas e traços do caráter. Todo esse processo complexo, intimamente relacionado com a incorporação da linguagem na vida mental da criança, resulta em uma reorganização radical do pensamento, que possibilite a reflexão da realidade e o próprio processo da atividade humana (LURIA, 1990, p. 25)

Quando é direcionada à reflexão, a criança pode observar e analisar criticamente, se isso não ocorre, intenções principalmente exibidas na televisão, podem passar despercebidas.

Isso porque a produção cultural que se transmite pela televisão se constitui como conhecimento humano, já que possui características da vida humana, tornando-se exemplos e modelos que podem ser seguidos pela criança. Tais modelos serão reproduzidos por ela, sendo eles bons ou ruins. Sendo assim, a televisão nos transmite conhecimentos que deveriam auxiliar no desenvolvimento cognitivo, porém, devido à ideologia presente na mídia, os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, não abrem espaços para que seu público analise o conteúdo que está sendo transmitido. “A televisão assume papel importante na tentativa de inculcar uma falsa consciência manipulada da realidade, sugerindo valores, normas e conteúdos ideológicos de tal forma que estes se tornam conteúdos únicos na consciência dos sujeitos”. (SERRI, TREVISAN, 2004, p, 4).

Ressalta-se que, por mais que a televisão tenha forte presença no cotidiano das crianças, ela não é a única influenciadora em sua formação. A televisão influencia o desenvolvimento das crianças, mas não é o principal fator que forma sua capacidade de pensar, o cotidiano da criança com seus demais elementos também a formam como ser humano.

Por ser tão presente no cotidiano da criança e, reproduzindo determinados conteúdos durante um longo período de tempo, torna-se viável analisar e refletir sobre o conteúdo televisivo, principalmente o dos desenhos animados, procurando identificar suas intenções e valores transmitidos, caracterizando-os como prejudiciais ou auxiliares ao desenvolvimento do pensamento crítico.

Assim, compreende-se o desenvolvimento cognitivo da criança, seus processos e etapas através da perspectiva de Luria (1990), estabelecendo uma relação com tais teorias e o conhecimento e conteúdo transmitido pela televisão, principalmente a programação voltada para o público infantil, para que se compreenda quais elementos do desenho animado “Titio Avô”, podem contribuir para o desenvolvimento dos processos de percepção e abstração. Para isso, verifica-se a análise dos relatos de uma criança que tem contato com esse desenho, refletindo sobre as impressões dela enquanto telespectadora de “Titio Avô”, buscando compreender o que a criança abstrai do programa e o significado que emprega a ele, influenciando sua forma de pensar.

## 2 TITIO AVÔ: IMPRESSÕES E ANÁLISES

Como já foi dito na seção anterior, a informação presente no cotidiano se torna parte de todo conhecimento que um indivíduo possui e que é essencial para desenvolver o pensamento. Nos dias atuais, a mídia está presente com grande frequência neste cotidiano e por trás dela, há uma ideologia que molda os padrões sociais e comportamento das pessoas. Portanto, é questionável como as informações na mídia podem desenvolver o pensar de seu público.

O surgimento e o desenvolvimento dos meios de comunicação podem ser considerados uma característica essencial da cultura ocidental e uma dimensão marcante da sociedade atual: “Se quisermos entender a natureza da modernidade, (...) as características institucionais das sociedades modernas e as condições de vida criadas por elas – devemos dar um lugar central aos meios de comunicação e seu impacto” (Thompson, 1998, p. 12; 1995, p. 7). Também em sociedades como a brasileira, onde vige uma “modernidade periférica”, a produção e a circulação de formas simbólicas pela mídia têm um papel decisivo na vida social e no cotidiano das pessoas. (MOREIRA, 2003, p. 1024).

A capacidade de percepção do ser humano deve se aprimorar para perceber a real intenção de cada informação dada, para que sua análise contribua para o desenvolvimento de pensamento e sua visão de mundo.

A mídia oferece os modelos, ideias, padrões, formas de vida e cultura que servem para seu maior objetivo que é manter o público controlado, através de manipulação e dominação pelo entretenimento. Conforme Moreira (2003), a mídia se constitui por

[...] determinada visão de mundo, com valores e comportamentos, com a absorção de padrões de gosto e de consumo, com a internalização de “imagens de felicidade” e promessas de realização para o ser humano, produzidas e disseminadas no capitalismo avançado por intermédio dos conglomerados empresariais da comunicação e do entretenimento, e principalmente por meio da publicidade (MOREIRA, 2003, p. 1208).

A globalização cultural acaba influenciando as culturas locais, que se transformam para atender aos padrões determinados que são veiculados pela mídia, usada como instrumento para isso. Quando se impõe um padrão, determina-se que, aquele na sociedade que não o segue, será automaticamente excluído.

Todos têm que mostrar, o tempo todo, que se identificam com o poder de quem não cessam de receber pancadas; as pessoas devem se amoldar àquilo que o sistema, triturando-as, força-as a ser. Todos podem ser como a

sociedade, todo-poderosa, desde que se entreguem a ela de corpo e alma e renunciem a si mesmos. (PUCCI, 2003, p. 13).

Assim, a mídia passa a se tornar parte da cultura da sociedade.

A cultura “passa” ou “acontece” cada vez mais na e por meio da mídia. Isso implica: a) que as manifestações culturais mais diversas só são reconhecidas como tais pela sociedade depois de serem “mostradas” ou incorporadas pela mídia; b) que as próprias criações, os personagens e produtos da mídia se tornam bens culturais de alcance social. Ambos os níveis interagem, de forma que a mídia se torna ao mesmo tempo acontecimento, produção e divulgação cultural. (MOREIRA, 2003, p. 1208).

A mídia determina padrões e valores que, por constante influência, são capazes de mudar a visão de mundo, costumes e valores que as pessoas já possuem. “[...] por ser pervasivo, comprometido ideologicamente e atuar sobre o inconsciente, o sistema midiático-cultural influencia poderosamente na própria *percepção* que os sujeitos têm da *realidade*”. (MOREIRA, 2003, p. 1214). Portanto, dentro de seu conteúdo a serviço da mídia, a televisão não abre possibilidades para reflexão.

Os veículos da mídia funcionam praticamente em uma única direção – raramente permitem intervenção, modificação ou diálogo de fato; as formas de interatividade existentes não questionam fundamentalmente o esquema, mas antes o reforçam. (MOREIRA, 2003, p. 1213).

Por meio da mídia são divulgadas as regras de comportamento para todos, seja esse comportamento visto de forma boa ou ruim; torna-se necessário à sociedade seguir essas regras. A população, que é público dessa mídia, aprende aquilo que o conteúdo assistido pretende ensiná-la.

[...] o sistema midiático-cultural exerce uma evidente função socializadora e “educadora” da sociedade, sobretudo dos segmentos mais expostos a ele, como as crianças; isso independe, em princípio, se os conteúdos veiculados são negativos ou positivos (MOREIRA, 2003, p. 1214).

As intenções da mídia podem ser facilmente despercebidas e podem manipular a forma como as pessoas entendem o mundo e a sua realidade. “[...] sua ação é *sutil* e *atua sobre o inconsciente*, e por isso não pode ser captada quantitativamente; a mídia influencia muito mais pela sedução que pela argumentação” (MOREIRA, 2003, p. 1214). Por influências de forma subjetiva, muitas vezes o telespectador não percebe as intenções da mídia ao influenciar seu pensar.



A televisão atualmente se torna componente de grande parte do cotidiano das crianças, que passam muito mais tempo assistindo, em contato com a mídia, do que realizando outras atividades típicas da infância.

Sem dúvida instituições como a família, a escola e a religião continuam sendo, em graus variados, as fontes primárias da educação e da formação moral das crianças. Mas a influência da mídia está presente também por meio delas. A televisão, por exemplo, ocupa uma fatia considerável do tempo das crianças, sobretudo em meios sociais carentes de fontes alternativas de ocupação e lazer (MOREIRA, 2003, p. 1216).

Muitos responsáveis passam a maior parte do tempo fora de casa trabalhando, não tendo tanto contato com a criança e acabam deixando com a companhia da televisão, por sua praticidade, numa tentativa de mantê-la comportada e entretida. Nesse contexto, muitas vezes a televisão ocupa o lugar dos pais. “Kellner (2001, p. 135) afirma que a cultura da mídia ocupa, em certo sentido, o lugar das instituições tradicionais como a família, a escola e a igreja, tornando-se instrumento de socialização e fornecedora de elementos formadores de identidade”. (FERREIRA, 2007, p. 3).

Sendo assim, a criança que convive com a televisão, tendo a mídia tão presente em seu ambiente, sofre influências do que está assistindo em seu comportamento e pensamento. Se para Vigotsky (apud Luria, 1990) o desenvolvimento do indivíduo se dá através do contato com o meio e com o outro, então para a criança em contato constante com a televisão, a mídia se torna seu outro influenciador, seu modelo para ser imitado.

Inegável, contudo, parece-me o fato de que o sistema midiático cultural elabora e difunde, mesmo se de uma forma não totalmente intencional ou planejada, visões de mundo, *sentidos e explicações* para a vida e a prática das pessoas e, por isso, passa a influenciar sempre mais seu cotidiano, sua linguagem e suas crenças. Justamente o âmbito das crenças e da elaboração do *sentido*, da visão de mundo como uma atitude fundamental perante o real, que tradicionalmente foi um espaço ou uma função atribuídos à família, à escola, às religiões e filosofias, está hoje, em boa parte, concentrado nas mãos dos agentes midiáticos. (MOREIRA, 2003, p. 1212).

Isso pode ser comprovado com os dados do Ibope do ano de 2011, que mostra que 97% da população brasileira tem acesso à televisão e na pesquisa realizada em 2007, pelo Painel Nacional de Televisores do Ibope, constatou-se que as crianças brasileiras de quatro a onze anos passam aproximadamente 4 horas, 50 minutos e 11 segundos diárias assistindo televisão.

A mídia pode considerar a criança como uma telespectadora não funcional, que apenas absorve todo conteúdo que está assistindo. “A partir de programas televisivos e jornais infantis, as crianças tornam-se usuárias de uma cultura de mídia que, muitas vezes, subjuga seu papel enquanto sujeito social ativo e crítico, considerando-as receptoras passivas” (FERREIRA, 2007, p. 2). O telespectador pode considerar o conteúdo televisivo como verdade máxima, já que consegue passar a sensação de credibilidade.

Em função do custo financeiro, relativamente baixo, necessário à obtenção de seu aparelho; e de uma existência que se dá através de uma linguagem facilmente compreendida que se vale de imagens para comunicar o que deseja, a televisão atinge um público extenso, sem restrições como as da alfabetização ou do recurso monetário. Uma informação pertinente a esta considerável aceitação que a televisão tem, junto à sociedade, reside na credibilidade que assume no repasse das informações. (ÁCACIO, PORTO, GUEDES, 2009, p. 7-8)

De maneira que as crianças sofrem influência da ideologia midiática, principalmente em suas ações e comportamento, podendo mudar sua personalidade.

Não é preciso muita imaginação para se perceber que essa colonização do simbólico pela propaganda vai influenciar a formação cultural e espiritual das crianças. Elas estão sendo acostumadas (como nós adultos) a consumir não apenas aquilo que a publicidade indica, mas a consumir a própria publicidade como modo de ser (MOREIRA, 2003, p. 1219).

Porém a criança é um ser ativo, capaz de formular opiniões fortes sobre seus programas preferidos. Sendo assim, é importante que os responsáveis considerem a fala e opinião das crianças, que se torna um ponto de partida para se pensar na qualidade do conteúdo assistido por elas e mediar essas questões durante a formação do indivíduo na infância.

Segundo Steinberg e Kincheloe (2001), lidamos com uma infância hiper-realista, pois seus integrantes estão inseridos em um contexto de vivência e familiarização com circunstâncias variadas através das quais recebem e experimentam uma gama de informações que extrapola a ordem do concreto, ou palpável, e se estende àquilo que toca o virtual ou é fruto de relações imaginárias. Estamos falando de uma geração que domina a tecnologia mesmo antes da alfabetização. Uma infância mais independente, ativa e, definitivamente, detentora da utilização de códigos específicos; no entanto, paradoxalmente, composta por indivíduos ainda em formação (ACÁCIO, GUEDES, PORTO, 2009, p. 3)

A criança só tem um potencial para ver a TV de forma crítica se estiver em um ambiente em que é estimulada e instigada a pensar criticamente. Assim, esse potencial se aprimora. “Não se pode negar a sensação de empoderamento da situação que a mediação televisiva pode proporcionar, no entanto, remoto é o controle que se têm sobre um meio

acerca do qual não se reflete ou levanta questionamentos.” (ACÁCIO, GUEDES, PORTO, 2009, p. 7).

Portanto, para classificar a qualidade do conteúdo do que as crianças estão assistindo, procurando averiguar que elementos podem contribuir para seu desenvolvimento cognitivo e capacidade de abstração, faremos a análise de um desenho animado que está sendo veiculado atualmente e é parte do cotidiano das crianças.

## 2.1 O DESENHO ANIMADO

O desenho animado que será analisado é intitulado de Titio Avô, e tem uma grande popularidade em meio ao público infantil atual. Criado em 2013 por Pete Browngardt para o canal infantil Cartoon Network. O programa estreou no Brasil em fevereiro de 2014 e é exibido no Cartoon Network três vezes por dia, às 9:00, 14:15 e 21:45, todos os dias da semana.

Torna-se interessante ressaltar que a Cartoon Network<sup>3</sup>, canal criado em 1992, com a intenção de ter mais espaço para exibir desenhos animados e pertence a Turner Broadcasting System, empresa que detém vários canais e meios de comunicação que usam a mídia como veículo para propagação de seus interesses.

Titio Avô contém a premissa de um protagonista simpático, visto como modelo de um familiar acolhedor e mentor para as crianças, muitas vezes também ingênuo, com uma maneira bem característica e chamativa de falar, além de ajudar as crianças em dilemas de suas vidas, de maneiras que extrapolam a realidade.

O programa é composto por uma abertura que mostra o Titio Avô passando de forma irreal por vários elementos que fazem parte da história como personagens e locais. O nome do episódio é anunciado e toda trama se desenrola por aproximadamente dez minutos e pequenas tramas paralelas ao enredo principal são exibidas para finalizar a programação. Geralmente o enredo segue a estrutura de um problema comum que surge e é resolvido de uma maneira completamente surreal, que destoa completamente da realidade.

O Titio Avô é chamado de vovô e tio de todas as pessoas do mundo. Seus companheiros destoam da realidade de forma que, no universo do desenho, fazem parte daquela realidade mostrada, seguindo o que é lógico dentro do mundo do desenho e suas características tão distintas podem ser interpretados como uma alegoria à diversidade.

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis no link <http://www.exorbeo.com/o-cartoon-network-seu-auge-e-o-que/>.

Eles são: um dinossauro falante chamado Sr. Gus, que tem uma personalidade rabugenta; uma tigresa que deixa um rastro de arco-íris por onde passa, que se comunica apenas por rugidos, servindo como animal de estimação do grupo, chamada simplesmente de Tigresa Gigante Voadora; Steve Pizza, um pedaço de pizza falante, que possui todas as características comuns de um jovem rebelde e descolado; e uma Pochete, falante, que está sempre presa à cintura do Titio Avô. Esses personagens moram todos juntos em uma van que é bem maior do lado de dentro do que aparenta, quando olhada por fora. Denota-se a escolha de objetos inanimados para serem os personagens principais da trama.

Objetos inanimados ganham vida própria e características humanas. Apesar do cuidado e conselhos dados pelo protagonista, a forma como certos temas são tratados podem causar susto em parte do público e outros podem interpretar o mundo fantasioso apresentado de forma errônea. Por exemplo, no episódio “Medo do Escuro”<sup>4</sup>, em que o Titio Avô ajuda uma menina a enfrentar seu medo de escuro, tornando-a um monstro mais assustador do que os monstros de seu quarto. Essa ação pode ser interpretada como uma violência (o medo inicial da menina) que gera mais violência (o monstro criado para espantar os outros monstros). Para a situação do medo do escuro, uma solução mais apropriada seria mostrar à menina que os monstros no escuro não existem.

O medo é classificado como uma emoção e a emoção considerada uma resposta construída pelas experiências pessoais do indivíduo a determinada situação. “Assim, a emoção é uma resposta imediata que padece de significado sem que a tenhamos solicitado (ADES, 1993 cit. por FERREIRA, BORGES & SEIXAS apud CARVALHO, MAGALHÃES, OLIVEIRA, s/d, p. 2)”. O medo é a reação ao perigo, fictício ou real, em que permite ao sujeito entrar em estado de alerta. O estado de alerta serve para manter a atenção no que se está fazendo, procurando superar o medo.

Segundo Ainsworth (1981) (cit. por Ferreira, Borges & Seixas, 2010, pág. 30), a definição de medo remete-nos para a tomada de consciência de uma determinada ameaça real ou imaginária e que tem repercussões ao nível comportamental (fugir, gritar, chorar), ao nível biológico interno (aceleração da pulsação e do batimento cardíaco) e ao nível biológico externo (tremores, expressões faciais que sugerem susto). Assim, e segundo a mesma fonte, as principais funções do medo são alertar-nos para possíveis perigos e levar-nos a agir para nos libertarmos – caráter desenvolvimentalista do medo (Sampaio, Martins & Oliveira, s/d, pág. 254). (CARVALHO, MAGALHÃES, OLIVEIRA, s/d, p. 3).

---

<sup>4</sup> O episódio está disponível no link <http://tvuol.uol.com.br/video/titio-avo-1-temporada-episodio-11-medo-do-escuro-04028D993870C4995326>.

Assim, é possível considerar que, o medo presente no desenho deixa o telespectador em estado de alerta e, enquanto assiste, procura o desfecho do acontecimento que o assustou, a fim de superar seu medo inicial. Para isso redobra sua atenção no programa. Portanto, quando Titio Avô provoca a sensação de medo, pode-se pensar que o programa pretende chamar a atenção de seu telespectador e prendê-la na sua programação.

Destacam-se os recursos visuais bizarros e surreais que podem causar estranheza e até medo em crianças menores. Não há uma separação clara entre realidade e fantasia. Há lições de moral e valores sociais ensinados de forma não tão enfática, como companheirismo, amizade, compreensão e respeito às diferenças, porém são bem superficiais e ofuscados pelos elementos bizarros do desenho.

No episódio denominado “Tigresa e a Rata”<sup>5</sup>, as duas personagens entram em conflito e Titio Avô sugere a elas para se tornarem amigas, aprendendo a conviver e resolverem suas diferenças, o que é um elemento interessante no enredo. Quando a Rata traz prejuízos à van, onde os personagens moram, a solução pensada pelo Titio Avô é desfazer a amizade da Rata e da Tigresa, tendo como desculpa as más influências que a Rata trouxe à Tigresa. O Titio Avô diz que “amigas de verdade não são mesquinhas e não se vendem facilmente”. Essa conclusão pode ser considerada um valor a ser refletido, mas a briga elaborada das duas personagens pode ofuscar a fala do Titio Avô.

Durante esse episódio, percebe-se em seu enredo elementos como violência, em que não se respeitam diferenças e acontece uma briga; traição, já que os laços de amizade não são considerados; o Titio Avô causa intriga entre as amigas para se beneficiar, no que reflete em comportamentos de mentira e hipocrisia, já que inicialmente incentivou a amizade da rata e da tigresa, e depois as estimula a brigar. Os valores de amizade que são encontrados explícitos no início do episódio, são contraditórios às atitudes do conselheiro, e dá um caráter de normalidade aos valores de competição e individualidade tão caros ao sistema capitalista.

Outro episódio relevante para se perceber a banalização de valores morais é “Pizza do Futuro”<sup>6</sup>, em que o personagem Steve Pizza conquista o respeito do Titio Avô por causa de suas habilidades radicais e legais (lutar karatê italiano, tocar rock, fazer manobras com sua motocicleta) e durante o episódio ele teme perder essa consideração do Titio Avô em tudo que faz. Quando o Titio Avô pede que Steve Pizza lhe dê um chute, ele hesita com medo de machucá-lo, mas o Titio Avô insiste nessa ação, que ao longo do episódio, acaba acontecendo. Aqui se observa que o desenho desconsidera a realidade da ação violenta em

<sup>5</sup> O episódio está disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=Yfi8ZO024Po>.

<sup>6</sup> O episódio está disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=oWfcw2mJ9K0>.

que, mesmo um dos personagens pensando nas consequências, comete a violência. Ou seja, mesmo após a reflexão sobre a ação, ela acontece sem que haja correções ou castigo; algo que seria punido na realidade é estimulado pelo programa. Assim, conclui-se que há dentro do desenho uma banalização dos valores morais.

Pode-se perceber a presença de valores morais no programa também considerando o episódio denominado “Caretas”<sup>7</sup>, em os personagens brincam de fazer caretas, sem convidar o senhor Gus, pensando que ele é muito sério para participar da brincadeira. Uma careta que o Titio Avô faz, ganha vida própria, um elemento que extrapola a realidade, e a careta persegue os personagens. Depois que o problema é resolvido, todos se arrependem de ter excluído seu amigo, que os perdoa. Essa atitude pode ser considerada um bom exemplo de conduta social. Entretanto, o que o público fixará mais em sua memória são as piadas visuais do que a lição ensinada no programa.

Para uma melhor observação das influências do desenho no pensamento da criança, tornou-se fundamental a realização de uma pesquisa com uma criança que é espectadora de Titio Avô. Em uma conversa com a criança que aqui será referida com o nome fictício Marta, foi possível levantar características e situações do desenho e como ela a percebe. Marta tem nove anos e estuda no 4º ano do ensino fundamental em uma escola pública.

Os relatos colhidos de Marta constataam que ela tem um contato grande com o desenho, assistindo-o diariamente, sendo um de seus programas preferidos. Seus personagens preferidos são a Tigresa Gigante Voadora, Pochete e Steve Pizza. Ela os descreve como legais, sendo esse o motivo por gostar mais deles.

Em meio ao relato foi mencionado um episódio em que a Pochete fica doente e o Titio Avô entra dentro dela para examiná-la. Tal ação assustou a criança, já que ela conseguiu reconhecer que é algo irreal, além dos elementos dentro da Pochete causarem medo. Quando questionada se já tentou fazer algo que viu no desenho em casa, a criança respondeu que nunca tentou fazer e sabe reconhecer que tudo o que acontece no desenho não é real.

No episódio mencionado “Pochete Doente”<sup>8</sup>, um monstro ataca a van em que os personagens moram. No meio do conflito entre o monstro e o Titio Avô, ele percebe que a Pochete está doente e vai examiná-la. O Titio Avô retira sua cabeça, que entra dentro da Pochete, onde encontra uma série de elementos bizarros (membros do corpo humano, criaturas, presença de cores vibrantes). Lá dentro, o Titio Avô descobre que o verme que está deixando a Pochete doente quer se casar com um martelo. Para impedir o verme, o Titio Avô

<sup>7</sup> O episódio está disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=-JIGSYWBfDU>.

<sup>8</sup> O episódio está disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=kMCeOt1kInE>.

corta seus braços sem hesitar, o que faz o verme murchar e a Pochete volta a ficar saudável. Nesse episódio se exemplifica a extrapolação da fantasia, a presença de elementos visuais bizarros e a banalização da violência.

Ela apontou os motivos por gostar dos personagens principais elencados. A criança gosta da Tigresa por andar deixando um rastro de arco-íris e percebe que ela não fala, mas mesmo assim os demais personagens a entendem. A Pochete, sendo no plano real um objeto comum e inanimado, ganha no desenho a habilidade de falar e cabe uma infinidade de coisas dentro dela, destacou-se também sua praticidade, quando a criança reconhece que na vida real a pochete serve para guardar coisas e seria bom ter uma pochete como a do Titio Avô por causa da sua grande utilidade de armazenamento. A criança descreve Steve Pizza como legal devido à sua personalidade e seus óculos escuros. No geral, aprecia o desenho em decorrência das loucuras que este traz em seu enredo.

Na análise da fala de Marta, percebe-se que ela tem dificuldades em abstrair elementos do desenho que não sejam ligados à sua imagem e aparência visual. Uma das características marcantes do desenho, para ela, são as piadas visuais construídas através de elementos bizarros, como o exemplo do Titio Avô entrando dentro da Pochete. Quando a criança percebe a utilidade da pochete em sua vida real, consegue associar um elemento do desenho à sua vida, baseado principalmente em sua experiência prática.

Conforme já mencionado, para Luria (1990) a percepção da criança está fortemente ligada à sua memória e experiência prática, relacionando o que percebe à sua realidade. Além disso, Moreira (2003) ressalta que para se criar um vínculo com o que se assiste é necessário algo que faz parte da realidade compor o programa que está sendo assistido, para que o espectador tenha uma identificação com aquilo que ele já conhece.

Na cultura midiática não se trata apenas da conformação do público a determinados hábitos, padrões de comportamento, valores, gostos e preferências, difundidos por meio da mídia, mas da criação, duplicação ou da recriação da realidade por meio dela. (MOREIRA, 2003, p. 1209).

Marta considera os personagens legais pelas suas características apresentadas no desenho, mas tem dificuldade em enumerar outros atributos. Em suma, compreende-se que o que mais chama a atenção da criança em gostar do desenho são seus componentes visuais e não o enredo em si que está sendo apresentado, já que o desenho contém lições de moral sutis, como compreensão, companheirismo, ajuda mútua, amizade e respeito. Sendo assim, pode-se

depreender que o enredo do desenho é supérfluo, já que a criança não se fixa na história que está sendo contada e sim nas imagens mostradas.

O desenho contém lições de moral, mas elas não são o foco do programa em si, que parece enfatizar somente seus elementos visuais. Chega-se à conclusão de que o desenho não ressalta suas lições de moral, tornando-as superficiais, valorizando apenas os elementos visuais que este apresenta. Assim, para que se consiga abstrair um conhecimento ou valor moral, é preciso estar mais atento aos detalhes da história, o que o próprio programa impede, já que seu foco está nos seus componentes visuais. Isso sem contar com a maneira como o desenho é montado, com estímulos diversos e rápidos, o que contribui para o não pensar sobre o que se vê, mas apenas aceitar. É necessário que a criança telespectadora receba uma instrução exterior que a aponte os elementos tidos como valores e lições de moral, tendo essa ação como parte de seu ambiente.

Portanto, entende-se que para se perceber mais aspectos presentes no desenho além dos apresentados com mais ênfase, torna-se necessário ao expectador receber uma instrução para que seja capaz de enxergar os aspectos mais subjetivos. Essa instrução se configura como informação diferente acrescentada aos conhecimentos que já possui.

O indivíduo que passa a ter contato com experiências diferentes, que expandem seus conhecimentos, permitem que sua capacidade de criar ideias novas e perceber novas características em seu meio se aprimore. Assim ele pode notar aspectos diferentes em algo que já era conhecido. Portanto, seu pensamento se transforma, desenvolvendo cada vez mais a maneira como percebe os sentidos do que está à sua volta.

[...] Quando muda o padrão de vida e se ampliam as dimensões da própria experiência, quando eles aprendem a ler e escrever, a ser parte de uma cultura mais avançada, esta maior complexidade de sua atividade estimula novas ideias. Tais modificações, por sua vez, ocasionam uma reorganização radical de seus hábitos de pensamento, de modo que eles aprendem a usar e compreender o valor de procedimentos teóricos que anteriormente pareciam irrelevantes. (LURIA, 1990, p. 107).

Os processos de desenvolvimento cognitivo não são imutáveis, se transformam e se reelaboram conforme as mudanças sócio-culturais, pelas quais o indivíduo passa, influenciando seu modo de pensar.

A aquisição de novas experiências e de novas ideias confere um significado adicional a seu uso da linguagem de modo que as palavras se tornam o agente principal de abstração e de generalização. A essa altura, as pessoas



abandonam o pensamento gráfico e codifica as ideias principalmente mediante esquemas conceptuais. (LURIA, 1990, p. 132).

Através de recursos visuais, o programa consegue prender completamente a atenção do telespectador. A reação ao que se está assistindo é formada pela individualidade socialmente construída de cada sujeito. Suas experiências pessoais moldarão sua reação e será assim capaz de perceber um aspecto que outra pessoa, com experiências diferentes, não perceberia. Portanto, a percepção muda e se transforma na situação de cada indivíduo. “[...] na transição para condições históricas mais complexas de formação dos processos cognitivos, a percepção visual também se modifica. (LURIA, 1990, p. 59)”. Usando um dos relatos de Marta como exemplo, ela sente medo de certos aspectos do desenho, que indivíduos mais velhos poderiam não sentir medo. Como Vigostsky e Luria (1996) apontam, durante o crescimento da criança, sua percepção estará sujeita a mudanças.

A percepção, assim como as demais funções passa, ao decorrer da vida, por um processo de desenvolvimento e alterações. Portanto, “as percepções da criança, inclusive as percepções de tempo e de espaço, ainda são primitivas e distintivas, e passará muito tempo até que se tornem as percepções que são características dos adultos” (CALDAS & PIMENTA, 2014, p. 183).

Os elementos visuais do desenho animado parecem ter a intenção de serem os mais estranhos e bizarros possíveis para prender completamente a atenção de seu público. A atenção que se pretende prender quando a criança está assistindo requer sua total concentração, o que pode ser entendido como uma ferramenta para controlá-la e nada consiga distraí-la do que está fazendo, para que possa fazer com perfeição, o que remete a manipulação para controle social. Para as crianças, o elemento visual é mais atrativo que as palavras ditas no programa. Conforme os estudos de Luria (1990), a criança em seu processo inicial de desenvolvimento, não considera as palavras como guia para sua classificação de objetos percebidos, antes os considera de maneira isolada, sem que faça ligação entre esses objetos por seus significados semânticos em comum.

De acordo com esta, as imagens atuam mais fortemente de maneira afetivo-relacional, enquanto a linguagem apresenta mais fortemente efeitos cognitivo-conceituais. (Janney & Arndt, 1994) Imagens fomentam atenção e motivação, são mais apropriadas à apresentação de informação espacial e facilitam, em certo grau, determinados processos de aprendizagem. (Weidenmann, 1988, p. 135-138) A eficácia emocional das imagens cresce com o grau de sua iconicidade. (Reimund, 1993). (Santaella & Nöth, 1999, p. 44) A eficácia emocional das imagens aumenta com o seu grau de iconicidade, mas em geral não se dispensa o texto ou a fala. (MOREIRA, 2003, p. 1221).

Devido ao grande contato que Marta tem com “Titio Avô”, assistindo-o todos os dias, averigua-se que ela tem influências todos os dias do conteúdo do desenho. Porém ela consegue distinguir sem dificuldades o que é real e o que é fictício, por mais que “Titio Avô” tenha como uma de suas principais características não ter limites entre realidade e fantasia. Moreira (2003) aponta esse elemento como característico da mídia. “O que a cultura midiática, especificamente, parece cultivar é um experimentalismo e um *voyeurismo* mórbidos, que não reconhecem fronteiras entre o real e a ficção. (MOREIRA, 2003, p. 1223)”.

Marta classificou as loucuras do desenho como principal fator para gostar do programa. Como já mencionado, a extravagância da fantasia, que chega a ser bizarra, serve como um chamariz que prenderá a atenção da criança durante todo o tempo, a mantendo entretida e envolvida com o que está assistindo.

Os elementos bizarros são diferenciados e apresentados a todo o momento durante a programação, de forma que não é possível ao telespectador conseguir focar em apenas um elemento, o que o faz redobrar sua atenção para tentar entender o que está acontecendo. Essa mesma estrutura está presente nos intervalos comerciais, em que diversas propagandas são transmitidas e o telespectador deve esforçar-se para focar sua atenção nas diversas informações transmitidas, ou pode simplesmente não focar em nada de maneira consciente, mas as mensagens são captadas e podem exercer influência na sua formação, e esta ideia é mais próxima ao objetivo de alienamento social.

Assim, através da análise dos relatos, conclui-se que as experiências pessoais de Marta que formam sua personalidade e capacidade de percepção permitem a ela conseguir distinguir os elementos que compõem o desenho (personagens, piadas visuais, realidade e fantasia), contudo ela possui dificuldades em conseguir abstrair os pouquíssimos elementos que podem causar reflexão sobre conduta e valores morais e sociais. Isso se deve principalmente ao formato do programa, dando mais ênfase nos elementos visuais e nos personagens caricatos do que no próprio enredo, que acaba sendo muito superficial.

Para se provocar o hábito de análise e reflexão, é necessário a intervenção do meio, que para Luria (1990) se configura como fator de estímulo, maior ou menor, dependendo dos conhecimentos que o indivíduo tem contato, ao desenvolvimento cognitivo.

Os elementos de uma programação podem servir para reflexão mesmo quando não têm essa intenção. A reflexão acontece pela análise, que pretende desvendar as reais intenções de um conteúdo televisivo, percebendo a forma como ele é transmitido e os valores e ideais presentes nele.

Os avançados meios tecnológicos, pela ambigüidade ainda presente em suas produções “culturais”, sempre vão tolerar possibilidades formativas e educativas no coração de suas programações. Isso depende muito das forças vivas da sociedade que, através do processo de formação cultural e crítica, podem intervir continuamente nesse processo. Contudo é preciso distinguir entre as ambigüidades que explodem do coração do sistema e que o constituem em si e que devem ser oportunamente trabalhadas, e as falsas ambigüidades, permitidas pelo sistema, que aparentemente toleram críticas e elementos formativos, desde que eles não causem perturbações maiores e gerem audiência. (PUCCI, 2003, p. 15).

Assim, através da análise de “Titio Avô” e dos relatos que a telespectadora Marta traz conforme suas percepções do programa, é possível considerar uma constante no enredo em que, há uma naturalização da violência. As histórias no desenho animado se iniciam de forma inocente, em que tudo é bom e belo. Conforme o enredo se desenvolve, tudo de bom que foi estabelecido é desconstruído de maneira má, com atos de violência, que são considerados pelos personagens de forma natural. No final da história, tudo aparenta ser bom e belo novamente, e todas as maldades e violência são tratadas impunemente.

Certas atitudes do Titio Avô demonstram caráter individualista, pois ele procura tirar vantagem das situações para seu próprio benefício, mesmo que prejudique os outros personagens. Sendo assim, percebe-se que o desenho pode estimular uma forma de pensamento em que, para ser bem sucedido é necessário tirar vantagem. O individualismo estimulado por esse tipo de comportamento, transmitido no desenho, está ligado ao capitalismo. Percebe-se que a mídia pretende naturalizar comportamentos individualistas, já que é algo que mantém o sistema capitalista em vigor na sociedade.

Dentro dos contextos de mídia da sociedade atual, a mediação torna-se ferramenta para análise crítica e reflexão das informações que circundam toda a sociedade.

### 3 MEDIAÇÃO E EXERCÍCIO PARA ANÁLISE CRÍTICA DO CONTEÚDO TELEVISIVO

Diante de tudo o que foi discutido até aqui e tendo como base a necessidade de analisar o conteúdo dos programas que as crianças têm assistido, surge então o questionamento de como fazer isso. Se há a constatação de que esse conteúdo pode ser mais prejudicial do que benéfico, como abordar essa situação com a criança? Assim, é importante que haja uma mediação do responsável ou adulto que faz parte de seu meio de convivência, a orientando e apontando os elementos do desenho que são reais e que não são, dando mais relevância às lições de moral e provocando a reflexão sobre os motivos de assistir tal desenho animado.

O desenvolvimento para Vigostky (apud Luria, 1990) se forma através da relação com o meio e com o outro. Conforme as experiências sociais se modificam ao longo da vida, a criança desenvolve seu pensamento e sua visão de mundo, permitindo-a chegar ao estágio de maturação.

É importante a mediação entre o objeto e o sujeito, já que a percepção também está ligada ao comportamento humano e é um processo que depende do contexto. Assim, faz parte da percepção também a interpretação. Cada indivíduo dará sentido ao que está percebendo, interpretando conforme suas experiências pessoais já adquiridas e as que estão num processo de aquisição. Os símbolos estabelecidos socialmente pela cultura norteiam a percepção de um indivíduo que está inserido nessa sociedade. (Luria, 1990).

A televisão tem forte presença na vida das pessoas e assim, conseqüentemente das famílias e núcleos sociais onde as crianças crescem e se desenvolvem. Muitos responsáveis acabam deixando as crianças passarem muito tempo assistindo aos programas destinados a esse público e, o que é transmitido e assimilado, pode causar dúvidas nas crianças quanto a certos aspectos da programação que não são totalmente compreendidos por elas. Valores presentes na televisão como violência, individualismo e competitividade podem despertar nas crianças questões a cerca da normatividade de tais valores. A partir das dúvidas das crianças, abre-se oportunidade para o diálogo e eventual debate que trará reflexão sobre o que está sendo assistido.

Como afirma Silverstone (1994), “a televisão é algo próprio da vida cotidiana. Estudar uma é estudar a outra”, o que significa que “a prática televisiva proporciona, claramente, um excelente contexto para o conhecimento da dinâmica familiar” (ALEXANDER APUD PEREIRA, 2008, p. 281).

Está presente na televisão e seus programas uma ideologia com o objetivo de controlar a forma como as pessoas pensam e suas ações, para que não tomem consciência da realidade social que vivem e das intenções de manipulação presentes na mídia. Dessa forma, há uma dificuldade da criança em perceber tais intenções. (PAGÈS et alii apud CUNHA et alii, 2014).

A mídia e seu conteúdo são capazes de influenciar a formação da identidade da criança. Por criar um vínculo emocional com o que está assistindo, pode tomar as características de seus personagens favoritos como exemplo e imitá-las tendo-as como modelo. A mídia também pode influenciar a imaginação da criança, onde ela se inspira no que assiste para imaginar. Estudos de Singer & Singer (1984) apontam a fantasia presente na televisão um fator que pode incentivar a imaginação.

Em um estudo longitudinal sobre a influência da família e da televisão sobre a imaginação de crianças de oito anos (1984), os autores levantam duas hipóteses sobre o efeito da televisão. De um lado, a posição de que, sendo a televisão “um aparelho contador de histórias tão vívido e envolvente”, estaria alimentando continuamente a imaginação da criança com matéria-prima para enredos, o que favoreceria uma função catártica. (GIRARDELLO, 2001, p. 4).

Observando os relatos de Marta, apreende-se que ela consegue perceber de “Titio Avô” todos os elementos superficiais que fazem parte dele. Ela consegue compreender a história que está sendo contada em cada episódio, conseguindo listar cada um dos acontecimentos. Percebe-se que em determinados momentos da trama, pequenas lições de moral se encaixam, geralmente configuradas como apontamentos que o Titio Avô faz a respeito da situação que ele e os demais personagens acabaram de passar. Durante a fala de Marta, ela se mostra capaz de listar os acontecimentos do episódio, mas não menciona nenhum desses apontamentos do Titio Avô. Em tal situação, depara-se com a dificuldade que ela tem de retirar os elementos de reflexão e valores morais que, provavelmente contribuiriam para sua formação pessoal.

Esse resultado se dá pelo fato de que as reflexões acontecem muito rapidamente, sem ter muita ênfase da própria história que está sendo contada. Entende-se que o próprio desenho impede que seu telespectador preste atenção na lição de moral, já que aparentemente, o que é mais atrativo para a criança são os elementos visuais, destoantes da realidade.

Há no desenho reflexões das ações baseados em valores morais, mas essas reflexões podem nem sempre ser percebidas. No caso de Marta, o desenho não parece contribuir muito para seu pensar, ela simplesmente reconhece elementos da vida real no programa e se distrai

com suas loucuras e elementos visuais bizarros, o que pode demonstrar o principal objetivo do desenho.

Em “Titio Avô”, compreende-se que o objetivo do desenho é apenas entreter e não levar à reflexão. Entretanto estão presentes nele valores morais e sociais, que podem ser percebidos se houver algum apontamento externo para que a criança se atente a isso. Em meio a essa situação, se tem a oportunidade de agir através da mediação.

Conforme os estudos de Pereira (2008), a mediação se baseia na instrução que o sujeito recebe para que seja capaz de avaliar, interpretar, analisar, perceber e refletir sobre algo. O diálogo entre o adulto e a criança é importante para que se faça a mediação. Quando os pais notam mudanças de comportamento em seus filhos, os relatos das crianças sobre o que assistem podem ser um indicativo da influência que têm através dos programas. Os responsáveis em meio a esses relatos devem apontar as características que compõem os desenhos animados, esclarecendo às crianças os significados para a trama do programa e como se aplicam ou não à realidade. Desmond *et al.* (1985: 463) consideram a mediação como “qualquer esforço activo por parte dos pais, e de outros, para traduzir as complexidades do meio físico e social, incluindo o meio televisivo, em termos capazes de serem entendidos pelas crianças nos vários níveis de desenvolvimento cognitivo” (PEREIRA, 2008, p. 284).

A televisão mostra modelos e padrões da sociedade, porém não é só a mídia que socializa a criança, mas faz parte de tudo que contribui para sua socialização. Sua socialização influencia na maneira que pensa a respeito da televisão.

Corder-Bolz (1980) operacionalizou o conceito em termos de mediação verbal explícita (do adulto para as crianças), o que constitui apenas uma forma de mediação que pode ocorrer na família. O autor considera que os pais ou ‘outros significativos’ podem influenciar a aprendizagem que as crianças fazem da televisão, proporcionando-lhes um comentário verbal sobre o conteúdo do programa. (PEREIRA, 2008, p. 284).

Assim, dependendo de como seu meio familiar se relaciona com a televisão, irá influenciar a maneira que a criança assiste e interage com a televisão, além de compreendê-la conforme os padrões do ambiente social em está inserido.

Há muitas formas de ser e estar em família, o eu gera determinados perfis e atributos em função do sistema social em se insere. Assim, a família assumirá mais ou menos funções ou as desenvolverá de diferentes maneiras, dependendo do contexto sócio-cultural em que se localiza da sua posição na estrutura social. (Borsotti, 1976). (AVENDAÑO, CALLÓN, 2001, p. 39).

Para Avendaño e Callón, (2001) há duas visões distintas de se compreender a televisão em que ela pode ser vista como algo que propaga cultura ou que denigre a cultura, rebaixando-a a algo inculto, que nada contribui ao desenvolvimento humano.

Em termos gerais, as predisposições referentes á televisão podem ser divididas em dois grandes tipos. De um lado, sujeitos que percebem o meio como uma ameaça à alta cultura, entendendo essa última como “as mais elevadas experiências das pessoas”, tais como a literatura, pintura, escultura e outras “belas artes”. Eles propõem que a exposição dos indivíduos a esses elementos artísticos-culturais elevaria o nível de desenvolvimento cultural e humano da sociedade e dos sujeitos. Já os meios de comunicação contemporâneos estariam “vulgarizando” a cultura, mediante sua simplificação, banalização, fragmentação e comercialização. Nesse sentido, caberia falar de uma atitude fatalista frente aos meios de comunicação, os quais considerando sua lógica de financiamento e organização – tornariam praticamente irreconciliável a alta cultura e a comunicação de massa. (AVENDAÑO, CALLÓN, 2001, p. 40).

Dentro desta perspectiva e considerando o desenho Titio Avô, ele pode se encaixar na categoria que não contribui para o desenvolvimento, pois durante o maior tempo de seus episódios se preocupa em propagar imagens surreais que, muitas vezes podem confundir o pensamento da criança.

Avendaño e Callón (2001) entendem a importância dos pais (ou responsáveis) no processo de interpretação do conteúdo da televisão pela criança. “Dentro das pautas de comunicação familiar, a mediação parental é um aspecto relevante. Os hábitos dos pais são fatores que influem na maneira como os filhos aprendem a ver e atribuir significados à televisão (AVENDAÑO, CALLÓN, 2001, p. 42)”.

Esses autores salientam que a mediação dos pais se dá por seus apontamentos em relação aos programas assistidos com as crianças. A partir daí, inicia-se uma discussão que leva à reflexão do conteúdo televisivo.

Por mediação parental entende-se o processo através do qual os pais (pai/mãe) influem, com suas condutas, valorizações e verbalizações nas modalidades de usos e significações que os filhos têm em relação à televisão. Nessas interações, outorga-se sentido às propostas de significado desse meio audiovisual. (AVENDAÑO, CALLÓN, 2001, p. 42).

Pode-se pensar que, em casos de crianças em que não há mediação ou que seus responsáveis não são tão influenciáveis em seu pensar, os modelos e valores repassados pelos personagens que assiste, podem se tornar mais relevantes para a criança que até os de sua família, devido à forte influência que ela está recebendo.

[...] Weintraub e outros (1990) demonstram que a influência da televisão aumenta frente à ausência de uma comunicação familiar ativa. Os pais influem no processo de interpretação televisiva de seus filhos através de comentários e de outras interações verbais. (AVENDAÑO, CALLÓN, 2001, p. 44).

Através da mediação a criança se torna apta a refletir, discutir, repensar o que está assistindo, não é somente uma telespectadora passiva.

A mediação é um elemento chave na aprendizagem e constitui, em si mesma, uma aprendizagem, uma alfabetização das crianças dos usos da televisão. Através da observação e da interação familiares constrói um espectador mais ou menos crítico ou reflexivo em relação ao meio. (AVENDAÑO, CALLÓN, 2001, p. 43).

Avendaño e Callón (2001) classificam diferentes formas de se relacionar e interpretar a televisão no ambiente familiar. A primeira maneira se dá por uma relação cotidiana, em que a televisão e seu conteúdo são apenas mais um elemento que faz parte da rotina do telespectador. Nessa forma, denominada reativa, o indivíduo constrói formas de interpretar a televisão conforme vai assistindo e absorvendo conteúdo. A segunda maneira, denominada proativa, se forma pela reflexão e preocupação que o telespectador tem quanto ao que irá assistir; assim ele reflete sobre o que seria benéfico ou proveitoso a si para assistir antes de selecionar os programas.

Em termos mais amplos, constitui-se uma pré-disposição proativa e/ou reativa. No primeiro caso, trata-se de assumir a interação com o meio de comunicação, enquanto o resultado de sua inserção consciente e deliberada no cotidiano, já que estão formada as orientações e pautas de como assistir, que responder a um modo construído de valorar e perceber o meio. No caso da modalidade reativa, não há nenhum processo de reflexão prévio sobre a televisão. Ao contrário, vai se elaborando a “dieta” televisiva em função de um processo não explícito de usos (AVENDAÑO, CALLÓN, 2001, p. 43).

A partir daí, pode-se pensar que, em cada ambiente diferente, há uma relação proativa ou reativa com a televisão. Ainda se compreende que, a relação proativa contribui para que se pense e reflita sobre o conteúdo televisivo, o que permite interpretá-lo de forma crítica e não apenas passiva.

Lull (1980), Avendaño e Callón demonstram que a mediação por parte dos pais pode ser restritiva, de modo que simplesmente proíbem ou permitem as crianças assistirem os programas que eles julgam ser bons ou ruins. Mas há também os casos em que os pais estão dispostos a assistir os programas com as crianças, apontando a elas questões que surgem pelo



conteúdo televisivo fazendo-as refletir e reinterpretar a televisão. A função do diálogo nessa situação de provocar reflexão se torna parte importante da mediação.

Por outro Lado, Lull (1980) propõe uma outra classificação baseada na seleção dos programas escolhidos. Os pais de orientação impositiva inculcam certa “dieta” de consumo da televisão a partir de seus pontos de vista. Já, os pais de orientação conceitual tratam de levar argumentos para um tipo específico de sua preferência. Esse autor assinala que os pais podem ajudar seus filhos a serem mais críticos se assistem televisão juntos, por exemplo, conversando e gerando uma interação qualitativamente mais rica. Desta maneira, assistir televisão transforma-se numa atividade de troca, situação que antes era geralmente atribuída às horas das refeições familiares, entre outras atividades cotidianas. (AVENDAÑO, CALLÓN, 2001, p. 43).

A família ou responsável, o cuidador, ou o professor da criança, em determinados casos, pode se preocupar com esse conteúdo e, quando assiste, vê que o conteúdo do desenho pode não ser adequado ao desenvolvimento da criança, porém sabendo o quanto a criança gosta do programa, não a proíbe de assistir drasticamente. Assim, o responsável prefere mostrar a criança os elementos bons e ruins sobre o desenho, a fazendo refletir e tomar suas próprias conclusões. Essa ação se configura como mediação avaliativa, que para Pereira (2008), devido à preocupação dos familiares com o que as crianças estão assistindo, procurando acompanhá-las quando veem televisão, além de esclarecer sentidos e interpretações do conteúdo assistido.

Relativamente à mediação avaliativa, esta é a forma que ocorre com menos frequência no seio das famílias. A análise dos dados permite-nos estabelecer uma relação estreita entre esta forma de mediação e o grau de instrução dos pais. Embora não seja geral e exclusivo, os pais que têm um grau de instrução mais elevado manifestam uma maior preocupação com os programas que os seus filhos vêem e dizem procurar ver televisão com eles sempre que o tempo livre o permite. Estes pais revelam também uma maior preocupação e interesse em explicar às crianças certos conteúdos, em estender os seus conhecimentos através do que vêem na televisão. Referem ainda que procuram discutir com as crianças o que elas vêem e ajudá-las a interpretar os programas, no sentido de desenvolverem atitudes críticas e hábitos selectivos. (PEREIRA, 2008, p. 296).

Uma mediação mais eficaz se faz através do diálogo, refletindo e interpretando os conteúdos transmitidos. É necessário que não apenas se proíba de assistir um determinado programa, mas que os responsáveis esclareçam os motivos para a decisão tomada. Portanto, a televisão pode ser um instrumento para reflexão, desde que haja mediação, instruindo para a percepção dos reais símbolos e significados do que está sendo visto.

Pereira (2008) aponta a mediação restritiva como apenas proibição e restrição. “Envolve a implementação de regras relativas às práticas televisivas das crianças, e as

estratégias utilizadas pelos pais no sentido de restringir o tempo de consumo e/ou proibir determinados programas”. (PEREIRA, 2008, p. 290).

Compreende-se que nesse tipo de mediação não há reflexão do conteúdo televisivo, além de que não é explicado o motivo da proibição de assistir algum programa a criança, o que a pode deixar mais curiosa para conhecer a programação proibida. (PEREIRA, 2008).

Por outro lado, quando se há apontamentos e comentários dos responsáveis a respeito da televisão, tal ação dá suporte necessário para que as próprias crianças formulem suas interpretações de forma crítica, percebendo elementos que talvez, por conta própria, não perceberiam. Assim, pode-se usar a televisão como instrumento de reflexão, por mais que sua programação não seja feita para isso, buscar compreender o porquê de não haver elementos que promovam reflexão permite desenvolver criticidade quanto à mídia, o que pode contribuir para a formação de uma atitude crítica em relação aos programas de TV. “Na medida em que as interpretações dos pais são verbalizadas, as crianças podem internalizar habilidades comunicativas que lhe permitam transformar-se em telespectadores críticos, que podem fazer da televisão uma parte positiva e funcional de suas vidas. (AVENDAÑO, CALLÓN, 2001, p. 44)”.

A mediação ajuda a construir uma identidade de telespectador na criança, conforme o tipo de mediação que recebe, irá estimular uma certa maneira de perceber os programas que assiste.

A mediação parental supõe uma série de dimensões de sociabilidade familiar que vão perfilando uma certa socialização dos filhos no que se refere aos usos da televisão. Constitui um fator relevante dentro do processo de recepção, na medida em que propõe certas modalidades específicas de construção da criança enquanto telespectador. (AVENDAÑO, CALLÓN, 2001, p. 59).

A mediação que a criança recebe, pode refletir os modos de vida do meio em que está inserida, meios esses que formam as características da orientação que o guia para pensar e interagir com a televisão.

Tomando como exemplo a mediação restritiva, em um meio onde há proibição evasiva de assistir determinado conteúdo, (PEREIRA,2008), os responsáveis concluem que a melhor opção é apenas impedir o contato com o programa, não procuram debater ou problematizar o que é assistido. Assim como em casos em que os responsáveis pela criança discutem sobre os conteúdos televisivos de forma crítica; nesse contexto percebe-se o diálogo como melhor forma de orientar quanto à televisão. “A mediação parental é um tema complexo e multidimensional onde se inter-relacionam os modos de vida de cada família e as propostas de

significação do meio, estruturando o cotidiano em que se expressam as diversas identidades que constroem as famílias”. (AVENDAÑO, CALLÓN, 2001, p. 60).

Portanto, tendo em mente as intenções ideológicas na mídia, e, através de análise, percebendo tais intenções e influências de padrões e valores distorcidos, com elementos destoantes da realidade, exemplificados em “Titio Avô”, procura-se na mediação uma ferramenta para que se dê abertura para pensar a televisão de forma crítica, reflexiva através de diálogo que permite desenvolver a criticidade e um olhar mais atento ao meio e seus padrões de influência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme tudo que foi discutido, mediante os autores citados, conclui-se que a formação do desenvolvimento cognitivo de um sujeito é influenciada constantemente pelos elementos do meio em que tal sujeito está inserido, o que é colocado como padrão nesse meio servirá de guia para o seu pensamento. O desenvolvimento cognitivo do sujeito se dará pelo nível de conhecimento que ele recebe. A percepção e a generalização são atividades primordiais que fazem parte do desenvolvimento cognitivo e permitem ao sujeito julgar algo que está sendo observado e analisado.

A percepção se dá pela capacidade de notar algo em um objeto a partir de experiências anteriores que fazem o indivíduo lembrar-se de algo que pode ser associado ao objeto observado. As experiências pessoais do sujeito determinarão como ele perceberá e interpretará um objeto em questão. Quanto mais conhecimento variado um indivíduo possui, mais informações será capaz de extrair do que está sendo percebido. A percepção também está sujeita a mudanças conforme as transformações sociais que podem acontecer no meio em que o sujeito está inserido.

A generalização está relacionada à percepção, de modo que, o indivíduo pode orientar-se para perceber um objeto através dos símbolos e significados construídos socialmente. A abstração permite ao sujeito considerar o objeto fora de um contexto e ainda ser capaz de compreender seu significado.

Considerando o tipo de informação em se está exposto diariamente, é possível elencar a televisão como principal influenciador, principalmente das crianças, através dos desenhos animados. Analisando o programa “Titio Avô”, que se destaca entre o gosto das crianças, percebe-se que o desenho animado procura prender a atenção de seus telespectadores através de imagens visuais bizarras, que destoam da realidade; possui alguns valores considerados bons socialmente e pequenas reflexões sobre ações e atitudes dos personagens, porém o programa não dá ênfase a esses momentos dentro do seu enredo, além de possuir elementos que passam valores distorcidos, como a naturalização da violência e agir de forma individualista.

Nessa situação, para que o espectador considere essas características, sendo capaz de perceber as intenções presentes no desenho animado, é necessário meios para promover a capacidade de abstração do indivíduo. A mediação se configura como uma ação capaz de provocar essa atividade. Através dos apontamentos e direcionamentos para reflexão feitos por algo ou alguém que faça parte do meio formador em que a criança está inserida, ela consegue

perceber, analisar, refletir, interpretar o que está vendo, sendo capaz de analisar criticamente os programas de televisão.

Pode-se pensar na situação da maior parte das crianças que frequentam a escola tem um perfil de passarem a boa parte do tempo que tem em casa assistindo televisão e a outra parte de seu tempo estão na escola. A maioria dessas crianças são de classe trabalhadora e, a partir daí, pensa-se que os adultos de seu cotidiano não têm instrução suficiente para mediá-las quanto a conteúdo da televisão, de forma crítica e reflexiva. Assim, a escola deveria estar apta a promover discussões sobre o que os alunos assistem, já que é algo que faz parte do cotidiano das crianças.

Segundo a pesquisa de Accioly (2006), procurando saber qual a opinião de professores a respeito da posição que a escola deve tomar sobre a programação televisiva que seus alunos assistem, os educadores alegam que a família é a mais responsável pela mediação.

Também quando perguntarmos às professoras sobre o que elas acham que a escola poderia fazer com relação a esses programas, presentes no cotidiano dessas crianças e que tantas influências podem ter sobre a formação delas, mais uma vez as professoras jogam a responsabilidade dessa orientação mais para a família do que para a escola. Sabemos que a ação conjunta família/escola é importante, mas se a família não toma atitude, cabe à escola que tem o encargo de educar tomar a iniciativa e convidar a família para também se envolver. (ACCIOLY, 2006, p. 9).

Accioly (2006) salienta que a família e a escola deveriam trabalhar em parceria para instruir as crianças através da mediação. Através desse processo, a escola mostra aos responsáveis como podem agir mediante o conteúdo que seus filhos assistem e, a escola, por sua vez continua trabalhando com os alunos medidas para se pensar a televisão de forma crítica. Assim, a instrução de responsáveis e da escola passa a fazer parte do cotidiano da criança.

Para Orozco Gómez (1996, p. 28-29) tanto a família quanto a escola podem exercer interferência na recepção televisiva. Há uma urgência quanto à intervenção da escola na audiência infantil, até porque muitas aprendizagens desenvolvidas na escola permeiam a televisão. Mais ainda, se a escola não exerce uma intervenção pedagógica, perde muito do seu sentido e missão educativa, já que muitas coisas que as crianças aprendem na televisão tornam-se mais relevantes para sua vida do que aquilo que aprendem na sala de aula. (ACCIOLY, 2006, p. 10).

A mediação se torna uma solução que aparece em meio a essa situação de influências da mídia que impedem pensar criticamente a realidade. Através do diálogo pode se promover a reinterpretação de muitos elementos midiáticos que passam facilmente despercebidos. Portanto, é necessário que os adultos que estão no ambiente em que a criança está, estejam

atentos ao que ela assiste e, assim, serem capazes de mediar de forma crítica os conteúdos assistidos, promovendo a criticidade da criança, dando os mecanismos necessários para que ela possa repensar e refazer suas interpretações de forma independente, desenvolvendo seu pensar em relação àquilo que assiste.

## ANEXO I

ENTREVISTA REALIZADA COM MARTA EM 20 DE MARÇO DE 2016.

Entrevistador: Eu gostaria conversar com você sobre o desenho “Titio Avô”. Você assiste muito Titio Avô?

Marta: Sim, todo dia. Eu gosto muito.

Entrevistador: Por que você gosta tanto desse desenho?

Marta: Porque tem um monte de coisas doidas.

Entrevistador: Quais seus personagens favoritos? Por que você gosta deles?

Marta: Eu gosto da Tigresa, a Pochete, o Steve Pizza, eu acho eles legais. Cabe um monte de coisa na pochete, é igual a que a minha mãe usava, só que não é igual do titio avô, não cabe um monte de coisa na da minha mãe. E tem de tudo lá dentro, ela fala também. Ia ser bom ter uma pochete dessas, porque aí dava pra carregar um monte de coisa. A Tigresa solta arco-íris, mas ela não fala só ruge, mas todo mundo sabe o que ela quer dizer, o Steve Pizza tem um óculos bem legal e ele fala também.

Entrevistador: Você já teve medo quando estava assistindo? Eu lembro de um episódio que eu assisti que o Titio Avô e uma menina viravam monstros pra combater os monstros do quarto dela.

Marta: Eu já fiquei com medo porque teve um dia que a Pochete passou mal e o titio avô entrou dentro dela! Foi muito doido. Tinha um monte de coisa lá dentro.

Entrevistador: Mas você sabe que não é de verdade não é? Você já tentou brincar fazendo as coisas que o Titio Avô faz no desenho?

Marta: Não! Nunca tentei fazer, só tem coisa doida, mas não é de verdade.

Entrevistador: Você gosta de outro desenho?

Marta: Eu gosto de assistir o Art Attack também porque ensina a fazer brinquedo.

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Denize Denise Cortez da Silva. As Relações entre a Escola, a Família e a Televisão: Contribuições para a Formação do Telespectador. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0014-1.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2016.

ANDI - Comunicação e Direitos e Invervozes - Coletivo Brasil de Comunicação Social. Mídia e Infância: O impacto da exposição de crianças e adolescentes a cenas de sexo e violência na TV. Disponível em: <http://www.andi.org.br/politicas-de-comunicacao/publicacao/midia-e-infancia-o-impacto-da-exposicao-de-criancas-e-adolescent>. Acesso em: 7 abr. 2016.

CALDAS, Rafaela Sousa. PIMENTA, Stéfany Bruna Brito. Estudo introdutório sobre desenvolvimento da percepção infantil em Vigotski. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 7 (2), jul - dez, 2014, 179-187.

CAMPOS, Cristina Caldas Guimarães de. SOUZA, Solange Jobim e. Mídia, Cultura do Consumo e Constituição da Subjetividade na Infância. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2003, 23 (1), p. 12-21.

CUNHA, Cliciane Sampaio Pinheiro. Daphne Sousa de, ABREU. Marina Alessandra Santos, VASCONCELOS. Sérgio Ricardo Ribeiro LIMA. Fetichismo e alienação do trabalho na atualidade a partir das concepções de Marx. Disponível em: [www.uesb.br/eventos/semana\\_economia/2014/anais-2014/g01.pdf](http://www.uesb.br/eventos/semana_economia/2014/anais-2014/g01.pdf). Acesso em: 01 jul. 2016.

DUARTE, Rosália. LEITE, Camila. MIGLIORA, Rita. Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê. *Revista Brasileira de Educação* v. 11 n. 33 set./dez. 2006.

FERREIRA, Mayra Fernanda. INFÂNCIA E MÍDIA: reflexões sobre produtos culturais para crianças. *Contrapontos - volume 7 - n. 2 - p. 645-656 - Itajaí, set/dez 2007.*

GIRARDELLO, Gilka. A Televisão e a Imaginação Infantil: Referências para o Debate. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP11GIRARDELLO.PDF>. Acesso em: 01 ago. 2016.

GUEDES, Brenda. PORTO, Fernanda. ACÁCIO, Filipe. Infância, Consumo e Mídia: costurando a realidade das crianças na contemporaneidade. *Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação*. Ano 2 - Edição 3 – Março-Maio de 2009.

LURIA, A. R. *Desenvolvimento Cognitivo: seus fundamentos sociais e culturais*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 1990.

MIGLIORA, Rita Rezende Vieira Peixoto. CRIANÇAS E TELEVISÃO: HÁBITOS TELEVISIVOS E DIÁLOGO FAMILIAR. Disponível em: [31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT16-4080--Int.pdf](http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT16-4080--Int.pdf). Acesso em: 19 jun. 2016.



MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1203-1235, dezembro 2003.

PEREIRA, Sara. Recepção Televisiva e Mediação: Práticas em Contexto Familiar. *Mediaciones Sociales*, N.º 2, I semestre de 2008, p. 279-310.

PEREIRA, Vilmar Alves. Pensando a infância nos contextos atuais: uma leitura a partir do conceito de Indústria Cultural.

Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1207/1022>. Acesso em: 6 mai. 2015.

PEREIRA, Maria Cristiane Fernandes. MÍDIA E INFÂNCIA: A INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. Disponível em: <http://docplayer.com.br/5965577-Midia-e-infancia-a-influencia-dos-meios-de-comunicacao-no-desenvolvimento-infantil.html>. Acesso em: 5 abr. 2016.

PINHEIRO, Ana Filipa. MAGALHÃES, Bruna. CARVALHO, Joana. OLIVEIRA, Soraia. O medo nas Crianças: Análise Qualitativa de Dados. Disponível em: <http://www.psicologianaactualidade.com/upload/O%20medo%20nas%20crian%C3%A7as%20-%20ana%C3%ADlise%20qualitativa%20de%20dados.pdf>. Acesso em 01 ago. 2016.

PÔRTO JR, Gilson, SILVA, João Nunes da. Educação, comunicação e aplicação no entorno escolar.

Disponível em: <http://ww1.uft.edu.br/index.php/institucional/92-nucleos/14764-opajeteste>. Acesso em: 04 jan. 2016.

PUCCI, B. Indústria Cultural e Educação. In: José Vaidergorn; Luci Mara Bertoni. (Org.). *Indústria Cultural e Educação: ensaios, pesquisas, formação*. Araraquara, SP: JM Editora Ltda, 2003, v. 01, p. 09-29.

RAMOS, Cinthia Leticia. FARIA, José Henrique de. PODER, IDEOLOGIA E ALIENAÇÃO: a construção do real e do imaginário na organização. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013\\_EnANPAD\\_EOR493.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EOR493.pdf). Acesso em: 5 jul. 2016.

R. AVENDAÑO, Claudio. CASTELLÓN, Lucía. Onde está o perigo? Mediação dos pais nos usos da televisão.

Disponível em:

<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/1015/918>. Acesso em: 19 jun. 2016.

RODRIGUES, Joelma. ANDRADE, Patrícia de. CERCATO, Schana Castilho. A influência do medo no desenvolvimento infantil. Disponível em: [http://upplay.com.br/restrito/nepso2012/uploads/Culturas\\_da\\_Infancia\\_e\\_da\\_Juventude/Artigo/11\\_30\\_02\\_Artigo\\_-\\_A\\_influencia\\_do\\_medo\\_na\\_educacao\\_infantil.pdf](http://upplay.com.br/restrito/nepso2012/uploads/Culturas_da_Infancia_e_da_Juventude/Artigo/11_30_02_Artigo_-_A_influencia_do_medo_na_educacao_infantil.pdf). Acesso em 12 jul. 2016.

RIGON, Algacir José. Abordagem do desenvolvimento cognitivo como processo histórico em Lúria.

Disponível em:  
[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/01\\_00\\_30\\_ABORDAGEM\\_DO\\_DESENVOLVIMENTO\\_COGNITIVO\\_COMO\\_PROCESSO\\_HISTORI.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/01_00_30_ABORDAGEM_DO_DESENVOLVIMENTO_COGNITIVO_COMO_PROCESSO_HISTORI.pdf)  
Acesso em: 19 jan. 2016.

ROSO, A.; STREY, M.N.; GUARESCHI, P.; e BUENO, S.M.N. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. *Psicologia & Sociedade*; 14 (2): 74-94; jul./dez.2002.

SERRI, Sandra. TREVISAN, Amarildo Luiz. **A Indústria, a Infância e a Educação.** Disponível em: <<http://www.usfm.br/gpforma/2senafe/PDF/050e5.pdf>>  
Acesso em: 10 mar. 2015.

SILVA, H. F. L. – Indústria cultural e educação infantil: o papel da televisão. Revista da UFG, Vol. 5 , No. 2, dez 2003.

SILVEIRA, Jacira Cabral da. INFÂNCIA NA MÍDIA: SUJEITO, DISCURSO E PODERES. Disponível em:  
[www.radiofaced.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2000/infancia\\_na\\_midia.PDF](http://www.radiofaced.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2000/infancia_na_midia.PDF). Acesso em: 25 abr. 2016.

SOLER, Vanessa Tramontin da. Considerações sobre o papel dos programas televisivos infantis na brincadeira da criança e no desenvolvimento do psiquismo infantil / Vanessa Tramontin da Soler. – Curitiba, 2012.